

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Agosto/2016 – Nº 39





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
João Rogério Alves
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2016

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual:

Laertes Rebelo (Epagri/GMC)

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

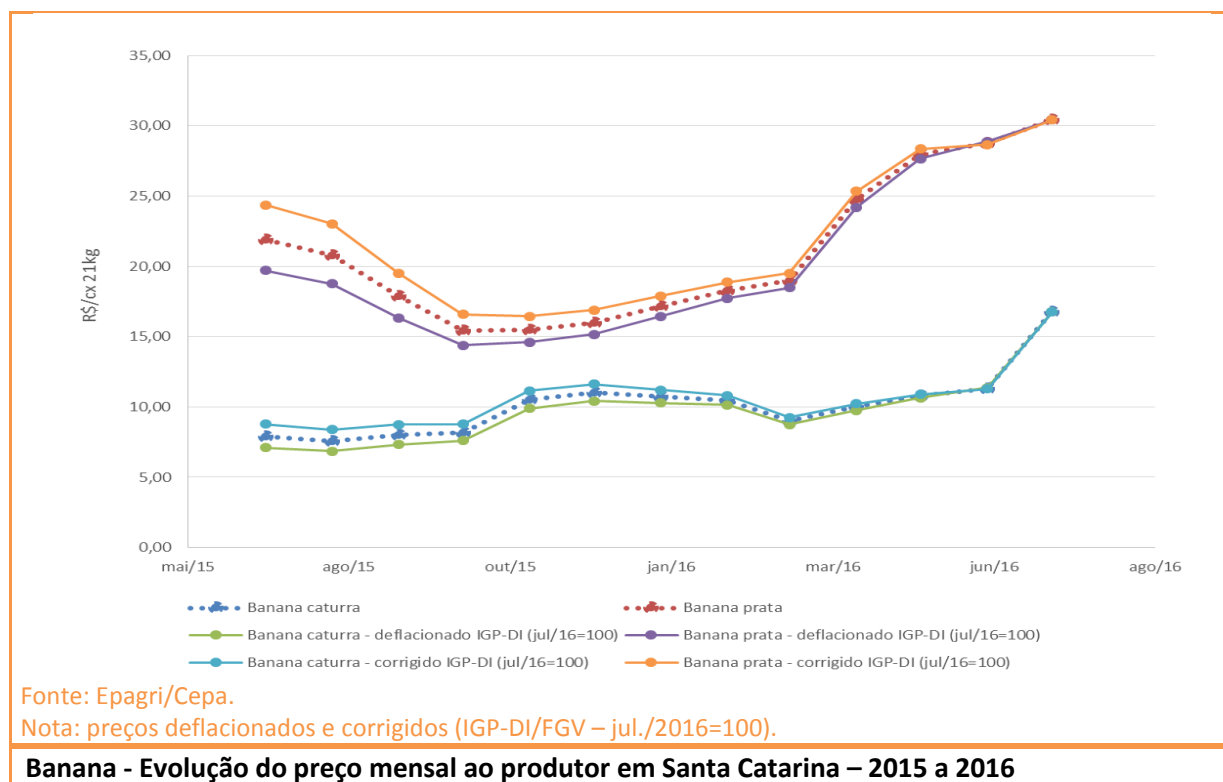
Sumário

Fruticultura.....	7
Banana	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	13
Milho.....	18
Trigo.....	21
Pecuária.....	24
Avicultura.....	24
Bovinocultura	29
Suinocultura.....	33
Leite	38

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



A cotação do preço mensal deflacionado (sem os efeitos da inflação) da banana-caturra segue tendência de recuperação com forte aumento de 48% entre junho e julho. A partir de junho as baixas temperaturas com presença de geada retraíram ainda mais a oferta da fruta. Com a baixa oferta de frutas de qualidade e a falta de frutas do Sudeste para suprir a demanda, os preços valorizaram 63% no primeiro semestre de 2016. No comparativo com julho de 2015, os preços de 2016 da banana-caturra estão 136% acima dos negociados no mês.

Os preços mensais da banana-prata mantêm tendência de aumento com valorização de 5% entre junho e julho do ano corrente. A qualidade para a variedade no mês de julho segue garantindo a valorização do preço. Ao analisar os preços mensais para o mês de julho entre 2015 e 2016, houve valorização de 54% no preço da banana-prata para o acumulado de 12 meses; e de 85% no primeiro semestre de 2016.

Na lavoura a produção já é menor com valorização nos preços, como esperado.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$/cx 21kg) nas principais praças de Santa Catarina - 2016

Praça	Mês		Variação (%)
	Junho	Julho	
Jaraguá do Sul			
Caturra	s/inf.	s/inf.	-
Prata	s/inf.	s/inf.	-
Sul Catarinense			
Caturra	11,32	16,76	48,1
Prata	28,77	30,43	5,8

Fonte: Epagri/Cepa.

Na Praça de Jaraguá do Sul no período analisado, o preço médio ao produtor para a banana-caturra obtém grande valorização. Já o preço da banana-prata desvaloriza com diminuição na qualidade devido ao clima local. No Litoral Norte de Santa Catarina a baixa oferta da caturra eleva os preços, mas muitas frutas estão apresentando baixo calibre. Porém, com a volta do período escolar houve aumento na demanda da fruta na região.

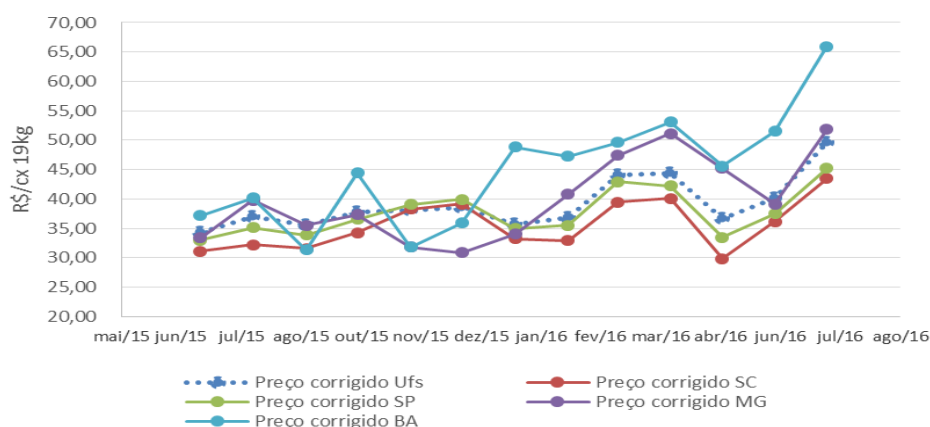
Banana - Preço médio no atacado (R\$/cx 19kg) nas principais praças de Santa Catarina - 2016

Praça	Mês		Variação (%)
	Junho	Julho	
Florianópolis (Ceasa)			
Caturra	24,00	30,67	27,8
Prata	40,00	43,33	8,3
Jaraguá do Sul			
Caturra	s/inf.	s/inf.	-
Prata	s/inf.	s/inf.	-
Sul Catarinense			
Caturra	22,67	27,67	22,1
Prata	36,67	41,33	4,2

Fonte: Epagri/Cepa.

No Sul Catarinense, os preços da banana-prata e da banana-caturra seguem valorizados. A qualidade das frutas e a oferta retraída, pelos efeitos da estação e diminuição da oferta de outras regiões, mantêm a alta nos preços.

No atacado, o preço para a banana-caturra, na Ceasa-SC, está em recuperação devido à baixa oferta da fruta. Já a banana-prata segue com valorização no preço, mas com tendência negativa em relação à qualidade das frutas para os próximos meses.



Fonte: Epagri/Cepa/Epagri e Ceagesp.

Nota: preço corrigido (IGP-DI/FGV - jul/16=100)

Banana – Preço médio mensal na Ceagesp – total das UF's e principais Estados - 2016

No entreposto paulista a oferta da banana catarinense está retraída com valorização nas cotações. As outras regiões produtoras do país também apresentam baixa oferta, o que alavanca ainda mais os preços da fruta no atacado. No primeiro semestre de 2016, a participação catarinense representou 5,3% do volume total negociado, com mais de 5,9 mil toneladas gerando mais de R\$10,2 milhões.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$/cx 21 kg)⁽¹⁾ nas principais praças do Brasil - 2016

Praça	Mês		Variação (%)
	Junho	Julho	
Bom Jesus da Lapa			
Nanica	21,84	25,62	17,3
Prata	30,45	43,89	44,1
Norte de Minas Gerais			
Nanica	22,26	26,25	17,9
Prata	30,24	45,15	49,3
Vale do Ribeira			
Nanica	25,83	30,66	18,7
Prata	31,08	33,60	8,1
Vale São Francisco			
Nanica	...	...	...
Prata	31,08	34,65	11,5

⁽¹⁾ Preço médio em R\$/kg calculado para uma caixa de 21 kg.

Fonte: Epagri-Cepa/Epagri adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

As frutas mineiras e nordestinas que chegam ao mercado recuperam os preços devido à baixa oferta de banana e o aumento da demanda com o início das aulas escolares. As bananas paulista e catarinense sofrem com as temperaturas mais baixas e a ocorrência de geada que comprometem a qualidade. Porém, a baixa oferta no mercado e o aumento da demanda por frutas tendem a garantir a valorização dos preços. A expectativa é que apenas em dezembro a oferta volte a aumentar com redução nas cotações da fruta.

Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2016 em relação à safra 2015 e estimativa da safra 2017

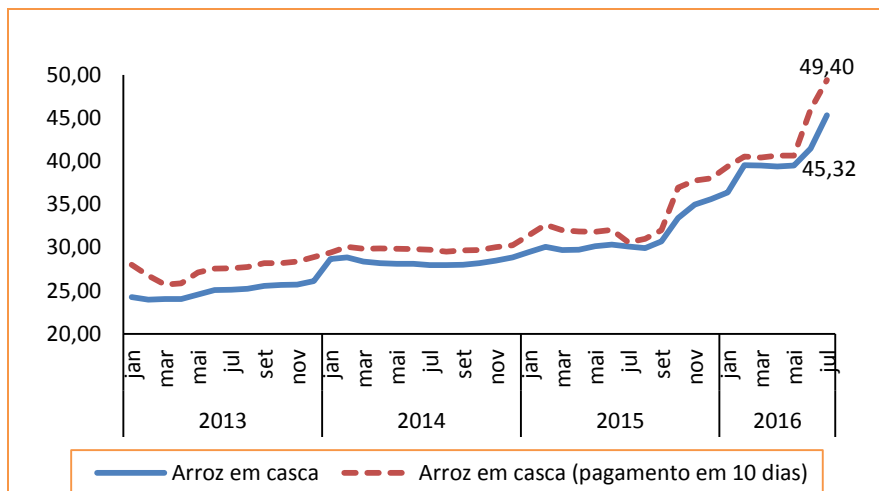
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	Safra 2014/15 ⁽¹⁾			Safra anterior – 2015/16			Estimativa inicial – 2016/17			Var. estimativa atual/ safra anterior (%)		
	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Blumenau	4.464	131.962	29.561	4.254	159.806	37.566	4.253	159.819	37.581	- 0,03	0,01	0,04
Itajaí	3.941	112.443	28.532	3.925	122.900	31.312	3.924	122.844	31.306	-0,03	-0,05	-0,02
Joinville	13.554	377.730	27.869	12.714	354.311	27.868	12.715	354.238	27.859	0,01	- 0,02	-0,03
Araranguá	4.965	45.940	9.253	5.094	51.315	10.074	5.092	51.329	10.080	-0,03	12	0,06
Criciúma	1.458	20.564	14.104	1.379	23.649	17.146	1.380	23.643	17.139	- 0,04	15	-0,06
Tubarão	161	1.919	11.919	73	695	9.521	73	694	9.507	- 0,00	- 64	- 0,14
Outras	1.008	19.213	19.061	1.048	22.647	21.610	1.037	22.554	21.744	-1,03	-0,41	0,62
Total	29.551	709.771	24.019	28.487	735.323	25.813	28.474	735.121	25.817	- 0,04	-0,03	0,02

Fonte: GCEA/LSPA/IBGE⁽¹⁾ e Epagri/Cepa.

Grãos

Arroz

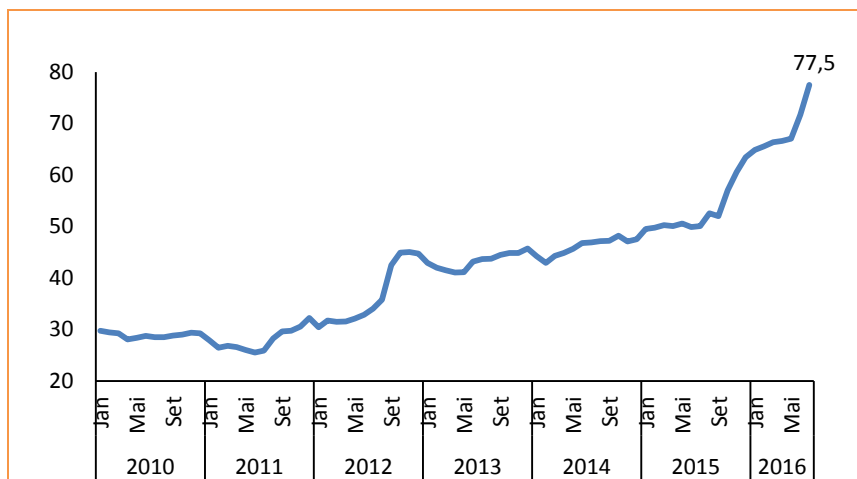
Glaucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal real – Santa Catarina (Jan./2014 a Jul./2016) – R\$/sc 50kg

Rio Grande do Sul e em algumas regiões do estado de Santa Catarina. Ademais, a queda no dólar favorece a entrada do arroz vindo do Paraguai, cujas características são muito próximas das exigidas pela indústria catarinense e a do Rio Grande do Sul, de forma que esse aumento da oferta tende a frear os preços.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz beneficiado – Evolução do preço médio mensal real – Santa Catarina (Jan./2010 a Jul./2016) – R\$/fardo 30kg

indústria, provocados pelo aumento no preço ao produtor, embora parcialmente compensado pelo aumento mais que proporcional dos preços no atacado, continuam sendo repassados ao consumidor final nas gôndolas dos supermercados, e esse efeito tende a se manter por mais um tempo.

Os preços médios ao produtor em Santa Catarina continuaram crescentes no mês de julho de 2016. No Rio Grande do Sul a alta nos preços começam a enfraquecer e os preços tendem a cair, o que deve influenciar os preços em Santa Catarina nos próximos meses, devendo se manter nesse patamar ou voltarem a cair. O preço médio mensal fechou em R\$45,32, enquanto o preço da saca para pagamento em 10 dias foi equivalente a R\$49,40. Essa alta nos preços ainda é reflexo das quebras de safra ocorridas no

Embora esses preços continuem atrativos e muitos produtores tenham segurado o produto na busca por melhores preços, o aumento da disponibilidade de produto no mercado exerce pressão de baixa sobre os preços e não se espera que estes se mantenham em alta por muito tempo. No mercado atacadista, os preços catarinenses fecharam em R\$77,50. Observa-se que de julho de 2015 a julho de 2016 estes preços cresceram em média 2,76% ao mês, enquanto os preços ao produtor cresceram 2,5% ao mês no mesmo período. O aumento dos custos da

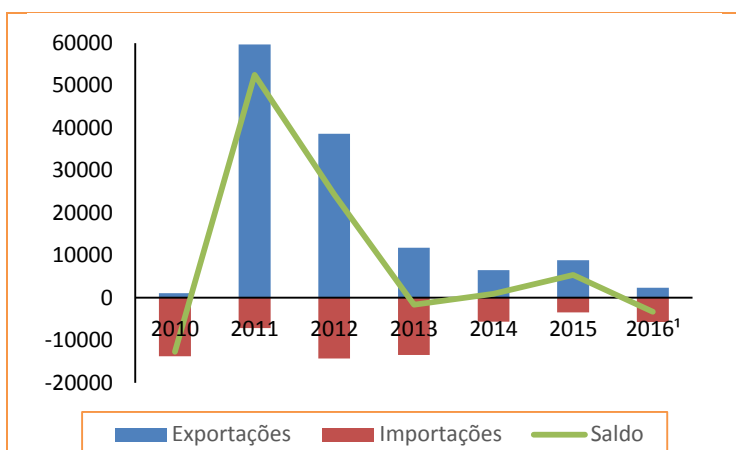
Arroz Irrigado – Santa Catarina – Custo de produção, preço médio e margem – 2013/14 a 2015/16

Safra	Preço médio	Custo variável	Custo total	Margem (curto prazo)	Margem final
2013/14	33,65	22,46	36,81	11,19	-3,16
2014/15	34,04	33,82	40,68	0,22	-6,64
2015/16 ⁽¹⁾	45,32	37,41	44,63	7,91	0,69

⁽¹⁾ Considerando o preço médio recebido pelo produtor no mês de julho de 2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

O bom momento vivido pelo produtor em Santa Catarina, proporcionou uma margem final positiva, considerando o preço médio de venda em julho de 2016. Isso significa que, além de permanecer na atividade no curto prazo pela capacidade de cobrir os custos variáveis da atividade, o produtor conseguiu cobrir os custos totais, dando indicativos de que a atividade se mantém lucrativa também no longo prazo. Embora esse seja um resultado positivo, salienta-se que esse foi um ano-safra com muitas perdas, de forma que a baixa produtividade em algumas regiões deixou muitos produtores com dificuldades para cobrir suas dívidas. Embora esse cenário pareça pessimista, o produtor eficiente técnica e economicamente na produção do grão tende a ser beneficiado no longo prazo, onde haverá concentração da produção e tendência de que o preço se valorize.



⁽¹⁾ Total acumulado de janeiro a julho de 2016.

Fonte: Secex/MDIC.

Arroz em casca – Evolução das exportações, importações e saldo anuais de Santa Catarina – em toneladas

O comércio internacional de arroz em Santa Catarina, embora pouco representativo, mostra uma tendência de queda das exportações ao longo dos últimos anos. Observa-se que em 2016, o saldo da balança comercial desse produto voltou a ficar momentaneamente negativo, o que não ocorria desde 2013. Os preços internos valorizados fizeram com que os produtores se voltassem para o mercado interno e resultou em exportações muito baixas nos meses de junho e julho. Além disso, nos últimos meses a queda do dólar tornou o arroz paraguaio competitivo no mercado interno, atraindo o interesse da indústria que sente a pressão do mercado devido à quebra de safra ocorrida nos principais

estados produtores.

Arroz Irrigado – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa inicial Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	148.129	1.087.232	7.340	146.692	1.026.554	6.998	-0,97	-5,58	-4,66
Araranguá	51.660	359.292	6.955	51.404	362.979	7.061	-0,50	1,03	1,53
Tubarão	21.268	153.816	7.232	20.911	149.118	7.131	-1,68	-3,05	-1,40
Criciúma	20.869	149.740	7.175	20.773	145.947	7.026	-0,46	-2,53	-2,08
Joinville	19.811	157.487	7.949	19.655	126.509	6.436	-0,79	-19,67	-19,03
Rio do Sul	10.798	88.967	8.239	10.684	77.324	7.237	-1,06	-13,09	-12,16
Itajaí	9.283	71.384	7.690	9.088	59.997	6.602	-2,10	-15,95	-14,15
Blumenau	8.235	65.600	7.966	8.208	65.441	7.973	-0,33	-0,24	0,09
Florianópolis	3.110	17.336	5.574	2.895	16.336	5.643	-6,91	-5,77	1,23
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	259	2.072	8.000	259	1.554	6.000	0,00	-25,00	-25,00
Tabuleiro	146	1.238	8.479	125	1.050	8.400	-14,38	-15,19	-0,94

Fonte: Epagri/Cepa.

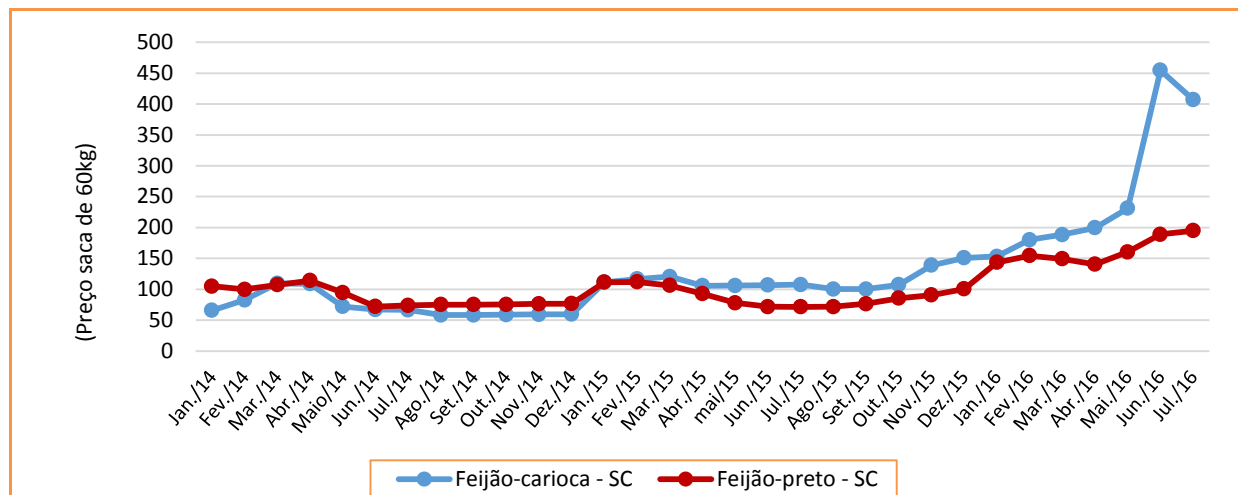
A safra de arroz irrigado em Santa Catarina encontra-se finalizada e os resultados apontam para uma quebra de 5,5% da produção, apesar de inicialmente o cenário indicar uma safra com quebras previstas maiores. As principais causas da quebra nas regiões foram os problemas climáticos desencadeados pelo fenômeno El Niño que causou excesso de chuvas, principalmente na região do Alto Vale e Norte Catarinense, baixa luminosidade, ocorrência de pragas e doenças, entre outros. As microrregiões em que tais efeitos foram mais significativos são Ituporanga, Joinville, Tabuleiro e Itajaí, em que as perdas ultrapassaram 15% da produção. Entretanto, em Araranguá, responsável por 37% da produção, houve crescimento da produção em relação ao ano passado. Isso ocorreu porque, apesar de inicialmente o quadro climático ser desfavorável, em janeiro houve uma mudança na precipitação e insolação, o que permitiu a recuperação das lavouras e até o aumento da produtividade.

Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nota: preços reais, corrigidos pelo IGP-DI (junho/2016 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio real mensal ao produtor do feijão-carioca (praça referência Joaçaba, SC) e feijão-preto (praça referência Chapecó, SC) - (janeiro/2014 a julho/2016)

O preço do feijão-carioca no mês de julho, quando comparado ao mês anterior, para a praça de referência de Joaçaba, apresentou queda de 10,43% no mês. O preço ao produtor pela saca de 60kg passou de R\$454,59 para R\$407,14. Já o feijão-preto, na praça de referência de Chapecó, teve aumento de 3,25%, pela saca de 60kg o produtor recebeu no mês de julho em média R\$195,00, contra os R\$188,86 recebidos no mês de junho.

No mercado atacadista, os preços do feijão-carioca se mantêm firmes. Na semana passada, na Bolsinha de São Paulo, as vendas se encerraram com o carioca extra (nota 9,5) a R\$450/saca 60kg. A queda nos preços está ocorrendo de forma gradativa. Em junho a leguminosa obteve os maiores valores de comercialização. No dia 29/06 o preço chegou no teto de R\$580,00 a saca e a partir daí o preço vêm se alternado, chegando ao valor mais baixo no dia 18/7, quando foi cotado a R\$407,50 a saca. Para o feijão-preto, o mercado se mostra calmo e com preços estáveis: na Bolsinha a saca de 60kg do preto extra foi cotada na semana passada a R\$280,00. Em junho o Governo Federal retirou a alíquota de importação de feijão como estratégia para atender a demanda, mas como nenhum outro país tem condições de oferecer o feijão-carioca, essa estratégia tem servido apenas para importação de feijão-preto. Segundo a Bolsinha, lotes de feijão-preto boliviano começam a chegar ao mercado, assim como feijão proveniente da China.

Essa queda ainda não se reflete no mercado varejista. Segundo a Conab, em junho o preço médio do quilo do feijão-carioca em Santa Catarina foi de R\$11,05, e em julho foi de R\$ 12,83, alta de 16%; já o feijão-preto passou de R\$7,44 em junho para R\$8,00 em julho, alta de 7,5%.

É importante destacar que preços praticados em patamares tão altos prejudicam a cadeia produtiva do feijão. Uma das consequências imediatas é a redução do consumo desse produto que faz parte da cesta básica e é indispensável na mesa do brasileiro. A alta nos preços certamente deverá ser repassada ao

varejo. Nesse cenário a tendência é que os consumidores mudem as suas preferências para outros produtos, como, por exemplo, macarrão, arroz e carnes, entre outras opções que ofereçam preços mais atrativos.

Feijão Carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) jun./16	Preço (R\$) jul./16	Variação mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	454,59	407,14	-10,44
Paraná	384,61	397,97	3,47
Minas Gerais	532,20	428,08	-19,56
Espírito Santo	393,00	512,50	30,41
Bahia	490,00	425,00	-13,27
Goiás	485,17	409,48	-15,60

⁽¹⁾ Praça de referência Joaçaba.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

No que diz respeito ao comportamento de preços nesta terceira safra, as atenções devem se voltar para a região nordeste da Bahia, com a safra se desenvolvendo em boas condições de chuvas e com bons volumes de produção nas áreas irrigadas. Nessa condição a perspectiva é que os preços se mantenham em patamares elevados, pressionando as indústrias que não conseguem compradores no mercado varejista, que por sua vez observam a redução do consumo do produto. Apesar da tendência altista dos preços, no último mês ocorreu queda no preço pago ao produtor pela saca de 60kg em Santa Catarina (10,4%), Minas Gerais (19,5), Bahia (13,2%) e Goiás (15,6%).

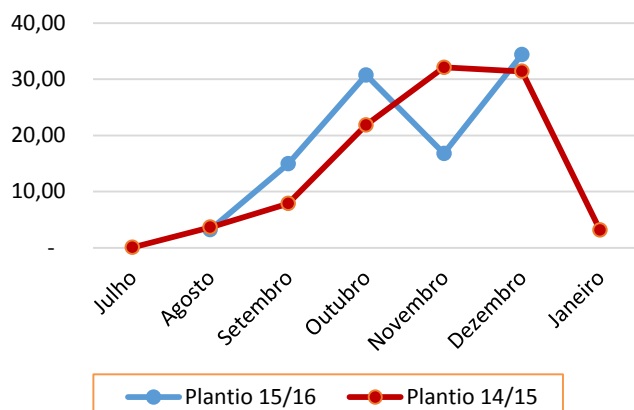
Feijão Preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) jun./16	Preço (R\$) jul./16	Variação mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	188,86	195,00	3,25
Espírito Santo	241,17	317,50	31,65
Goiás	246,25	307,50	24,87
Paraná	188,76	222,23	17,73
Rio de Janeiro	249,38	269,00	7,87
Rio Grande do Sul	158,76	175,03	10,25

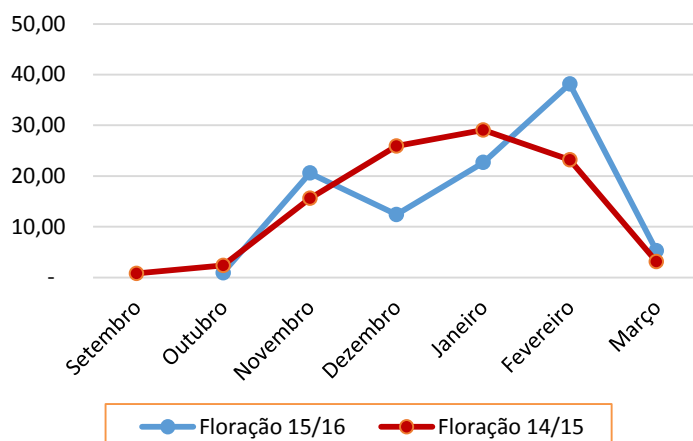
⁽¹⁾ Praça de referência Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

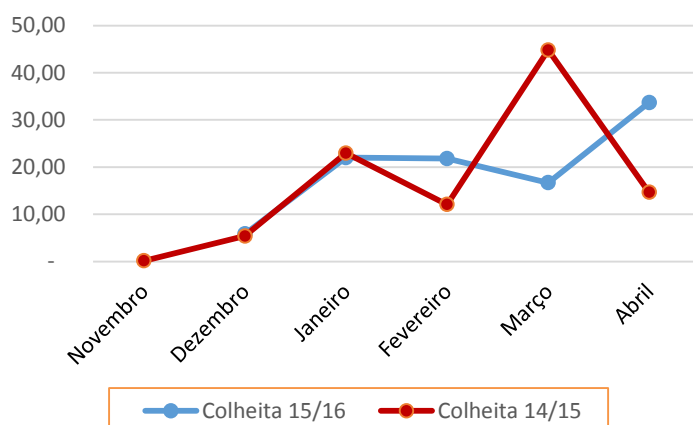
Puxado pela alta nos preços do carioca, no último mês o preço pago ao produtor pela saca de 60kg do feijão-preto em Santa Catarina teve alta de 3,35%. Entre os principais estados produtores a maior variação positiva ocorreu no Espírito Santo, alta de cerca de 31,6%.



Evolução Plantio - Feijão 1ª safra 2014/15 e 2015/16



Evolução Floração - Feijão 1ª safra 2014/15 e 2015/16

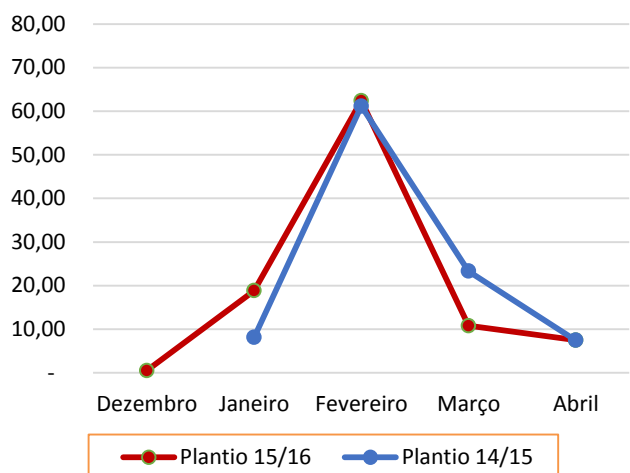


Evolução Colheita - Feijão 1ª safra 2014/15 e 2015/16

A evolução do plantio de feijão 1ª safra 2015/16 teve comportamento atípico quando comparado a 1ª safra 2014/15, que foi considerada normal. Em função das chuvas de junho de 2015, o início do plantio foi retardando, iniciando em agosto e se estendendo até dezembro. No gráfico fica nítido a redução abrupta no ritmo dos plantios a partir de outubro a final de novembro, época de precipitação muito acima da média em todo estado, com pouca incidência de luz solar e impossibilidade de entrada de máquinas nas áreas de plantio em função do encharcamento do solo. As regiões de Curitiba, Joazeiro e Lages, responsáveis por mais de 50% do feijão 1ª safra, tiveram atraso significativo nos plantios.

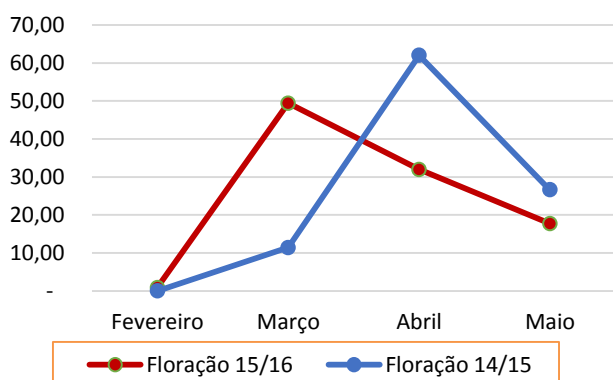
O atraso nos plantios retardou as fases seguintes do desenvolvimento da cultura, o início da floração passou a ser registrado com mais intensidade apenas a partir de outubro. Em um ano normal deveria iniciar em setembro. Assim como na fase de plantio, as lavouras que estavam em floração tiveram comportamento similar, com redução a partir de novembro até janeiro.

Por fim, a colheita do feijão 1ª safra que em anos normais é distribuída em cerca de 32% entre as regiões Oeste, Meio-Oeste e Planalto Norte e aproximadamente 52% entre as regiões do Planalto Sul e Campos de Lages, apresentou nesta safra comportamento anormal, com a colheita transcorrendo de forma escalonada, onde as operações de colheita mecanizada ou mesmo manual aconteciam quando as condições climáticas permitiam, se intensificando um pouco mais a partir de março até o final de abril.



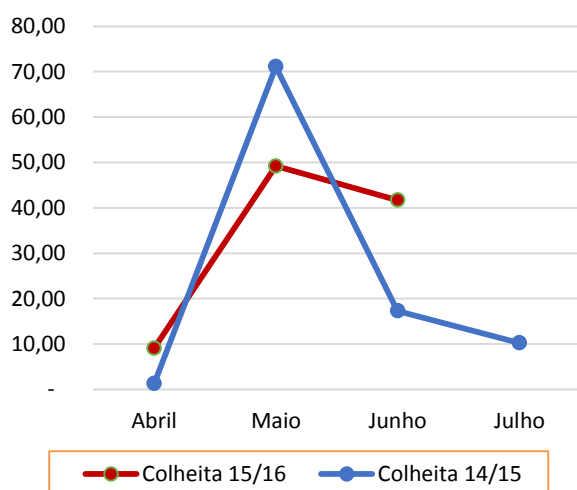
Já a 2ª safra de feijão 2015/16 transcorreu de forma satisfatória, com o início dos plantios se intensificando já em dezembro. Depois disso, essa fase do cultivo teve comportamento normal, similar a safra anterior (2014/15), com o término desse período em abril. Fase com distribuição de plantio ao longo do tempo bastante normal.

Evolução Plantio - Feijão 2ª safra 2014/15 e 2015/16



O período da fase de florescimento para o feijão 2ª safra 2015/16 teve início e fim similares à safra anterior. Com cerca de 40% a 60% do florescimento concentrado entre os meses de março e abril, essa fase foi concluída em final de maio.

Evolução Floração - Feijão 2ª safra 2014/15 e 2015/16



A colheita do feijão 2ª safra 2015/16 teve seu auge com cerca de 50% colhido no mês de maio, já os outros 50% restantes tiveram a colheita severamente acelerada em função da queda abrupta das temperaturas. Muitas lavouras tiveram problemas com baixo peso dos grãos colhidos e também com tamanho miúdo dos grãos, na medida em que as plantas entraram em maturação precocemente em função do frio. Em função disso, em junho foram encerrados os registros de colheita, enquanto na safra passada (2014/15) as colheitas haviam se estendido até julho.

Evolução Colheita - Feijão 2ª safra 2014/15 e 2015/16

Feijão Total – Comparativo de safra 2014/15 e 2015/16

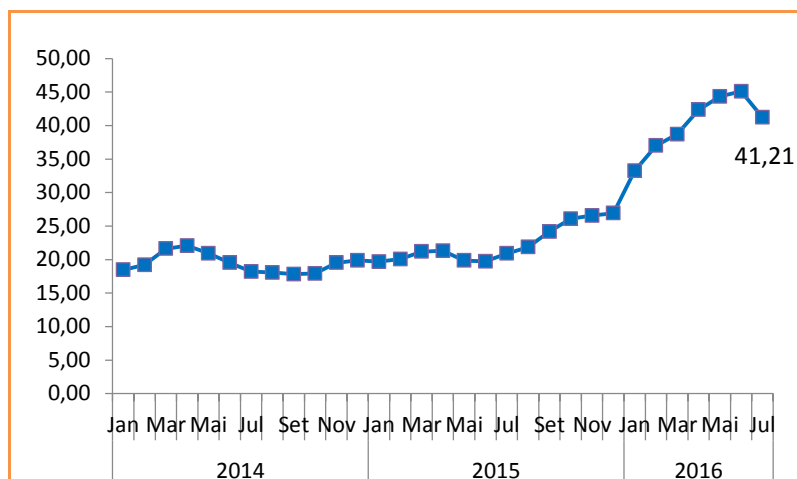
Microrregião	Safra 2014/2015			Estimativa - Safra 2015/2016			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	1.129,00	1.081,30	958	921,00	939,60	1.020	-18	-13	7
Blumenau	236,00	229,00	970	231,00	229,00	991	-2	0	2
Campos de Lages	9.970,00	19.015,00	1.907	9.720,00	19.541,00	2.010	-3	3	5
Canoinhas	8.290,00	14.679,00	1.771	9.820,00	16.033,00	1.633	18	9	-8
Chapecó	5.789,00	9.152,40	1.581	4.382,00	7.151,20	1.632	-24	-22	3
Concórdia	675,00	707,00	1.047	550,00	566,00	1.029	-19	-20	-2
Criciúma	3.466,00	3.711,40	1.071	3.402,00	4.205,94	1.236	-2	13	15
Curitibanos	17.185,00	34.365,00	2.000	15.600,00	27.528,60	1.765	-9	-20	-12
Florianópolis	140,00	185,00	1.321	140,00	185,00	1.321	0	0	0
Itajaí	17,00	23,00	1.353	17,00	14,00	824	0	-39	-39
Ituporanga	2.500,00	4.243,00	1.697	1.885,00	3.369,00	1.787	-25	-21	5
Joaçaba	4.880,00	7.567,50	1.551	4.388,00	7.609,20	1.734	-10	1	12
Joinville	14,00	10,00	714	14,00	10,00	714	0	0	0
Rio do Sul	2.185,00	3.400,00	1.556	1.389,00	1.856,00	1.336	-36	-45	-14
São Bento do Sul	510,00	540,00	1.059	510,00	636,00	1.247	0	18	18
São Miguel do Oeste	3.493,00	6.228,76	1.783	2.422,00	3.119,40	1.288	-31	-50	-28
Tabuleiro	540,00	603,00	1.117	535,00	594,00	1.110	-1	-1	-1
Tijucas	558,00	788,00	1.412	438,00	612,00	1.397	-22	-22	-1
Tubarão	3.419,00	3.894,00	1.139	2.590,00	3.210,11	1.239	-24	-18	9
Xanxerê	11.410,00	23.765,00	2.083	13.875,00	29.012,50	2.091	22	22	0
Santa Catarina	76.406,00	134.187,36	1.756	72.353,00	125.721,55	1.738	-5	-6	-1

Fonte: Epagri/Cepa (julho/2016), IBGE/LSPA - SC (junho/2016).

O Feijão Total da safra 2015/16, resultado da soma da 1ª com a 2ª safra, apresentou ligeira redução em área plantada (5%), redução em produção (6%) e rendimento médio (1%). São resultados finais da safra que reflete o ano agrícola bastante atípico como foi a safra 2015/16, que apresentou clima instável e exigiu dos produtores persistência e cuidados especiais na condução de suas lavouras de feijão. Nessa safra o produtor gastou mais com sua lavoura. Na safra 2014/15 no mês de fevereiro, o custo operacional para produzir uma saca de 60kg de feijão carioca, com uma faixa de produtividade esperada de 2.400kg/ha, gastou em média R\$66,56. Na safra 2015/16, a mesma saca de feijão, com a mesma estimativa de produtividade, custou em média R\$80,55, um aumento no custo operacional direto de 21,0%. Com custos de produção crescentes, o produtor deve ficar atento em seu planejamento para a próxima safra, os bons preços de venda praticados atualmente devem ser analisados como um fenômeno atípico, ou seja, é provável que esses preços não se mantenham nos patamares atuais para a próxima safra.

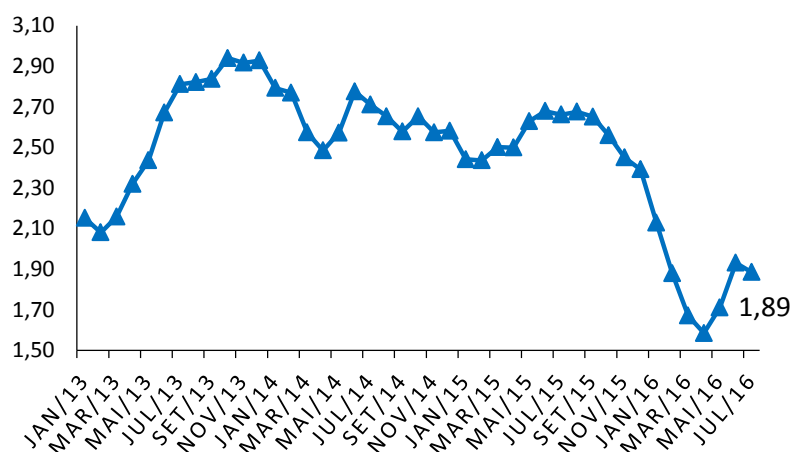
Milho

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina – Jan./2014 a Jul./2016



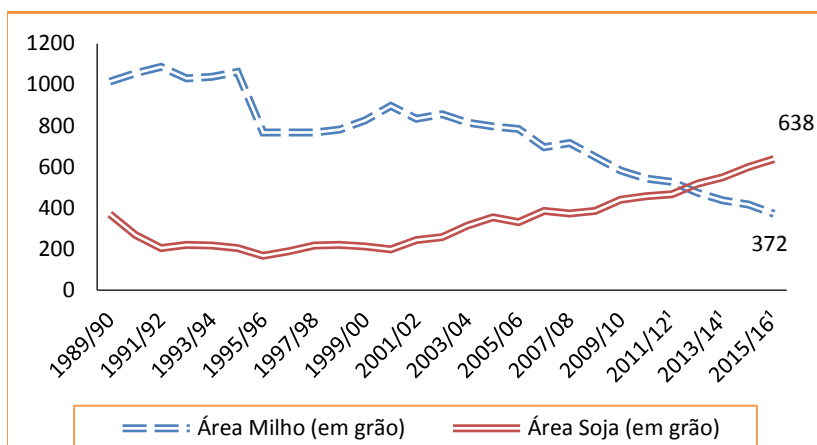
Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

foi de 1,89. Considerando os custos e retornos obtidos pelos dois grãos, considera-se que uma relação de equivalência de 2,13 torna a produção de soja mais vantajosa em relação ao milho.

O preço médio do milho em Santa Catarina no mês de julho de 2016 fechou a R\$41,21, cerca de 8% menor em relação ao mês anterior, continuando a tendência de redução e reversão do comportamento de alta observado desde o final do ano passado, mas ainda atrativos ao produtor.

De 2013 até janeiro de 2016, considerando os custos de produção e o retorno obtido com as duas culturas, observa-se que a relação de equivalência de preços entre milho e soja se manteve favorável ao sojicultor. Essa tendência começou a se reverter em janeiro de 2016, com a alta do milho, tornando-se favorável ao produtor de milho. Desde abril de 2016 os preços da soja voltaram a crescer e a equivalência de preços também passou a apresentar esse comportamento. No entanto, como os preços do milho ainda estão em alta e devem permanecer assim no segundo semestre, a relação continua favorável ao produtor de milho. Salienta-se que, apesar de o mercado de milho estar favorável, isso não deve ser uma condição permanente, haja vista que próxima safra se aproxima com boas perspectivas e a soja continua sendo um grande concorrente por área no Estado, pela maior liquidez do produto. Em julho de 2016, a equivalência de preços



Fonte: IBGE, ¹Epagri/Cepa, 2016.

Evolução da área plantada de milho e soja em Santa Catarina – 1989/90 a 2015/16

dessa conversão, haja vista que muitos produtores deverão plantar mais milho para aproveitar o bom momento do mercado.

Nos últimos anos, a valorização do preço da saca de soja e redução do preço da saca de milho resultaram em conversão de áreas de milho em soja no Estado. Desde 2012/13 a área de soja ultrapassou a área de milho, o que se confirmou nos anos seguintes. Na safra 2015/16, enquanto a área plantada de milho totalizou 372 mil hectares, a área de soja equivaleu a 638 mil hectares. Embora nos últimos meses o preço do milho tenha sido atrativo para o produtor, espera-se que a conversão de áreas de milho e soja continue, podendo haver redução na taxa

Milho 1ª safra – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2014/15 (1ª safra)			Estimativa atual Safra 2015/16 (1ª safra)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	404.577	3.142.248	7.767	354.663	2.582.146	7.281	-12,34	-17,82	-6,26
Joaçaba	62.877	531.140	8.447	55.552	443.751	7.988	-11,65	-16,45	-5,44
Chapecó	62.565	488.926	7.815	54.950	410.220	7.465	-12,17	-16,10	-4,47
Canoinhas	39.000	367.295	9.418	30.500	266.270	8.730	-21,79	-27,51	-7,30
São Miguel do Oeste	46.900	333.070	7.102	40.150	253.260	6.308	-14,39	-23,96	-11,18
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	35.500	233.622	6.581	0,00	0,00	0,00
Concórdia	33.750	232.006	6.874	30.440	208.486	6.849	-9,81	-10,14	-0,37
Curitibanos	27.258	270.358	9.918	22.446	205.618	9.161	-17,65	-23,95	-7,64
Xanxerê	31.150	286.662	9.203	22.980	204.732	8.909	-26,23	-28,58	-3,19
Rio do Sul	22.870	141.461	6.185	19.450	111.432	5.729	-14,95	-21,23	-7,38
Ituporanga	11.390	79.488	6.979	10.080	61.600	6.111	-11,50	-22,50	-12,43
São Bento do Sul	6.000	51.090	8.515	5.500	44.750	8.136	-8,33	-12,41	-4,45
Criciúma	6.417	37.920	5.909	6.830	41.279	6.044	6,44	8,86	2,28
Araranguá	6.079	33.365	5.488	7.123	37.682	5.290	17,17	12,94	-3,61
Tubarão	4.540	24.650	5.430	5.385	31.521	5.853	18,61	27,87	7,81
Outros	8.281	31.196	3.767	7.777	27.924	3.591	-6,09	-10,49	-4,69

Fonte: Epagri/Cepa.

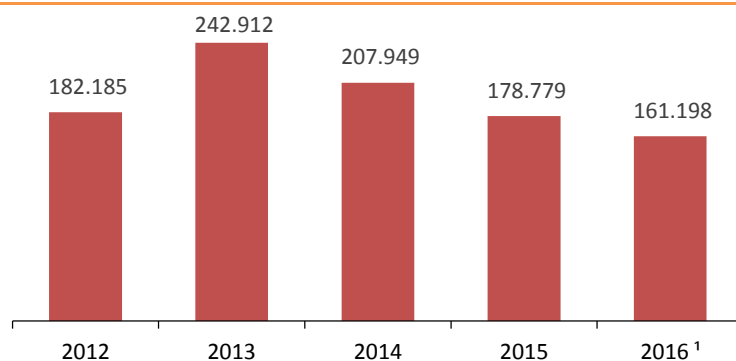
Milho 2ª safra – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2014/15 (2ª safra)			Estimativa inicial Safra 2015/16 (2ª safra)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	1.2472	65.998	5.292	17.165	95.797	5.581	37,63	45,15	5,47
Chapecó	3.100	16.465	5.311	7.740	44.219	5.713	149,68	168,56	7,56
São Miguel do Oeste	6.200	32.010	5.163	5.490	29.532	5.379	-11,45	-7,74	4,19
Tubarão	842	4.578	5.437	1.061	6.271	5.910	26,01	36,98	8,70
Criciúma	704	3.873	5.501	999	5.838	5.844	41,90	50,74	6,22
Araranguá	801	4.122	5.146	1.025	5.317	5.188	27,97	29,00	0,81
Xanxerê	825	4.950	6.000	450	2.700	6.000	-45,45	-45,45	0,00
Concórdia	-	-	-	400	1.920	4.800	-	-	-

Fonte: Epagri/Cepa.

Em Santa Catarina a produção de milho sofreu com os problemas climáticos desencadeados pelo El Niño. Em 2015/16 a área foi 10,9% menor e a produção 16,5% menor em relação a 2014/15. Parte dessa redução se deve à tendência dos últimos anos de substituição das áreas de milho por soja. No entanto, o excesso de chuva, seguido de seca em algumas regiões do Estado, levou à perda de área e redução na produtividade esperada, culminando em quebra de safra. Entre as microrregiões onde as quebras na produção foram mais expressivas, destacam-se Xanxerê, Canoinhas, Curitibanos, São Miguel do Oeste, Ituporanga e Rio do Sul, cujas reduções ultrapassaram 22% em relação a 2014/15. Por outro lado, as microrregiões do Sul Catarinense (Tubarão, Araranguá e Criciúma) apresentaram ganho de produção em relação ao último ano safra. Isso porque, em janeiro de 2016, o clima melhorou nessa região e permitiu que boa parte das lavouras se recuperassem, fechando a produtividade acima do que foi inicialmente projetado.

As exportações catarinenses de milho de janeiro a julho de 2016 atingiram a marca de 161 mil toneladas, equivalente a 90% do que foi exportado em todo o ano de 2015. Os bons preços do mercado externo atraíram o produtor e resultaram em volume expressivo das exportações. O bom cenário apresentado para o mercado interno com preços firmes também no segundo semestre, bem como o desaquecimento dos preços internacionais do grão, agem como freio às exportações, o que não será impeditivo para que estas ultrapassem a marca atingida no ano passado nos próximos meses. Ademais, a quebra de safra ocorrida em Santa Catarina e nos principais estados produtores pode causar dificuldade para atender as demandas de exportação. Assim as *tradings* devem manter as exportações em que todo o acerto logístico já tenha sido contratado, principalmente no que se refere ao transporte e à armazenagem nos portos.



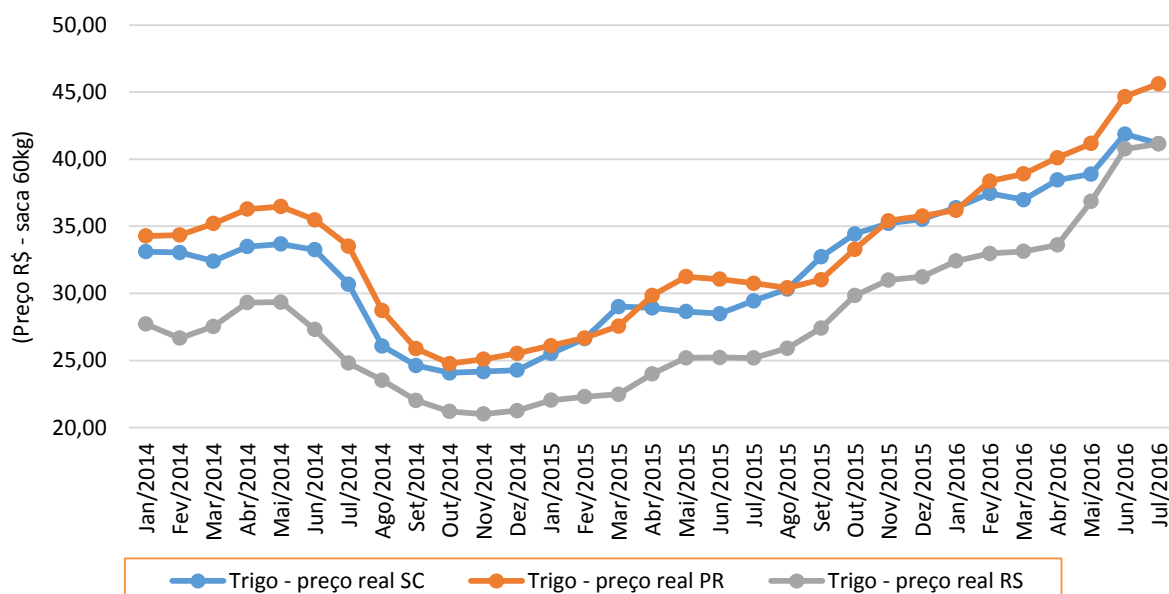
¹Exportações acumuladas de Janeiro a Julho.

Fonte: Secex/MDIC.

Exportações catarinenses de milho em grão e sementeira (2012-2016¹) – em toneladas

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

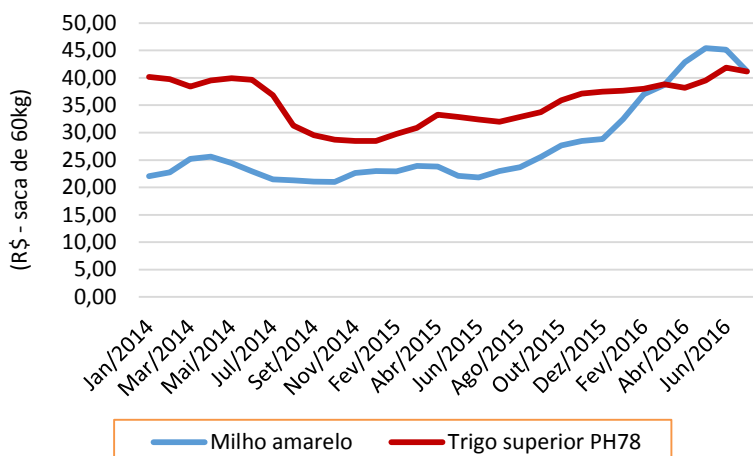


Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (junho/2016, base 100).

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

Trigo – Evolução do preço médio real mensal do trigo grão – Santa Catarina (jan./2014 a jul./2016)

O preço do trigo em Santa Catarina teve discreta queda no mês de julho e na comparação com o mês de junho a redução foi de 1,72%. No Paraná houve uma variação positiva no mesmo período de cerca de 2,23%, já no Rio Grande do Sul, a alta foi de aproximadamente 1%. De maneira generalizada, não há mais trigo disponível no mercado para comercialização e as expectativas se voltam para a nova safra que está no campo. Com a redução do valor da saca de milho, o mercado gradativamente vem retomando a normalidade quanto à oferta do grão. Com expectativa de supersafra de milho nos Estados Unidos, com volumes expressivos destinados à exportação, não há rumores de que ocorrerá falta do produto no mercado internacional, fazendo com que produção brasileira fique no País, diminuindo assim a procura pelo trigo como substituto do milho na formulação de rações para animais.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo – relação do preço médio monimal pago ao produtor para o trigo e milho – Santa Catarina (jan./2014 a jul./2016)

Em julho a relação de preço nominal entre o trigo e o milho praticamente se igualou. O milho ficou com média mensal no Estado de R\$41,21/saca de 60kg, enquanto o trigo chegou a R\$41,16/saca de 60kg, diferença de 0,9%. No mercado internacional as cotações do trigo estão fechando em alta nas últimas semanas em função dos relatórios sobre as condições da safra francesa de trigo, que apresenta quebras de qualidade e quantidade e provoca onda de compras.

Trigo Grão - Calendário de plantio e colheita do trigo da Região Sul do País

Estado	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Outono			Outono			Outono			Outono		
	out.	nov.	dez.	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.
PR	xxxxx	xxxxx	xxxxx			#####	#####	#####	#####	#####	xxxxx	xxxxx
SC	xxxxx	xxxxx	xxxxx						#####	#####	#####	
RS	xxxxx	xxxxx	xxxxx					#####	#####	#####		

Legenda: xxxxx (plantio), ##### (colheita).

Fonte: Conab.

O trigo é considerado uma cultura de inverno, e até pouco tempo produzida quase que exclusivamente na Região Sul do Brasil. A partir do melhoramento genético, plantações de trigo já são encontradas em diversos estados das regiões Centro-Oeste e Sudeste, com plantios que utilizam inclusive sistemas de irrigação por pivô central. As previsões climáticas têm sido o divisor de águas na tomada de decisão do agricultor em investir nas lavouras de trigo. Até o final de julho no Paraná o plantio do trigo encontrava-se 85% concluído e, em relação à safra anterior. A redução de área cultivada foi de 15,4%, devido, sobretudo, à preferência dos agricultores em apostar na 2ª safra de milho por conta do preço que permanece por enquanto atrativo. No Rio Grande do Sul a área que será semeada ainda não está fechada, pois o plantio na região nordeste do Estado se estende até julho, mas a semeadura já ultrapassou 70% do total inicialmente estimado. Nos países vizinhos, o excesso de chuvas tem provocado prejuízos. Na Argentina os relatórios indicam que há perdas confirmadas em cerca de 100 mil hectares dos 4,5 milhões de hectares estimados de cultivo para a safra 2016/17. No Uruguai as chuvas ocorridas em final de julho estão atrasando a aplicação de fungicidas, inseticidas e adubos e o excesso de chuvas tem provocado encharcamento do solo impedindo a entrada de máquinas nas áreas de cultivo. As perdas ainda não foram quantificadas, mas acreditamos que não serão significativas. Nas áreas onde as lavouras já estão implantadas há mais dias, o desenvolvimento das plantas avança em boas condições. Na Europa, Alemanha e França enfrentam

problemas com excesso de chuvas e possivelmente não ocorram alterações na produtividade esperada, mas a qualidade da produção a ser colhida certamente será comprometida a exemplo do que ocorreu na última safra aqui no Estado. Nos Estados Unidos, a expectativa é de uma supersafra de trigo.

Trigo Grão – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa Safra 2016/17 ⁽¹⁾			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	30,00	54,00	1.800,00	30,00	54,00	1.800,00	0	0	0
Campos de Lages	1.600,00	4.520,00	2.825,00	1.270,00	4.811,00	3.788,19	-21	6	34
Canoinhas	17.380,00	26.874,00	1.546,26	11.650,00	35.580,00	3.054,08	-33	32	98
Chapecó	18.050,00	37.749,00	2.091,36	14.997,00	35.575,60	2.372,18	-17	-6	13
Concórdia	768,40	2.030,60	2.642,63	755,00	2.025,00	2.682,12	-2	0	1
Curitibanos	10.783,00	22.473,30	2.084,14	10.648,00	40.942,80	3.845,12	-1	82	84
Ituporanga	550,00	672,00	1.221,82	275,00	738,50	2.685,45	-50	10	120
Joaçaba	6.415,00	12.921,00	2.014,19	4.740,00	17.424,00	3.675,95	-26	35	83
Rio do Sul	110,00	126,00	1.145,45	50,00	121,00	2.420,00	-55	-4	111
São Bento do Sul	220,00	396,00	1.800,00	250,00	750,00	3.000,00	14	89	67
São M. do Oeste	4.207,00	6.594,50	1.567,51	3.295,00	8.346,50	2.533,08	-22	27	62
Tabuleiro	40,00	6,00	150,00	48,00	96,00	2.000,00	20	1500	1233
Xanxerê	15.645,00	41.666,00	2.663,22	12.815,00	39.786,00	3.104,64	-18	-5	17
Santa Catarina	75.798,40	156.082,40	2.059,18	60.745,00	186.100,40	3.063,63	-20	19	49

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa (julho/2016), IBGE/LSPA - SC (junho/2016).

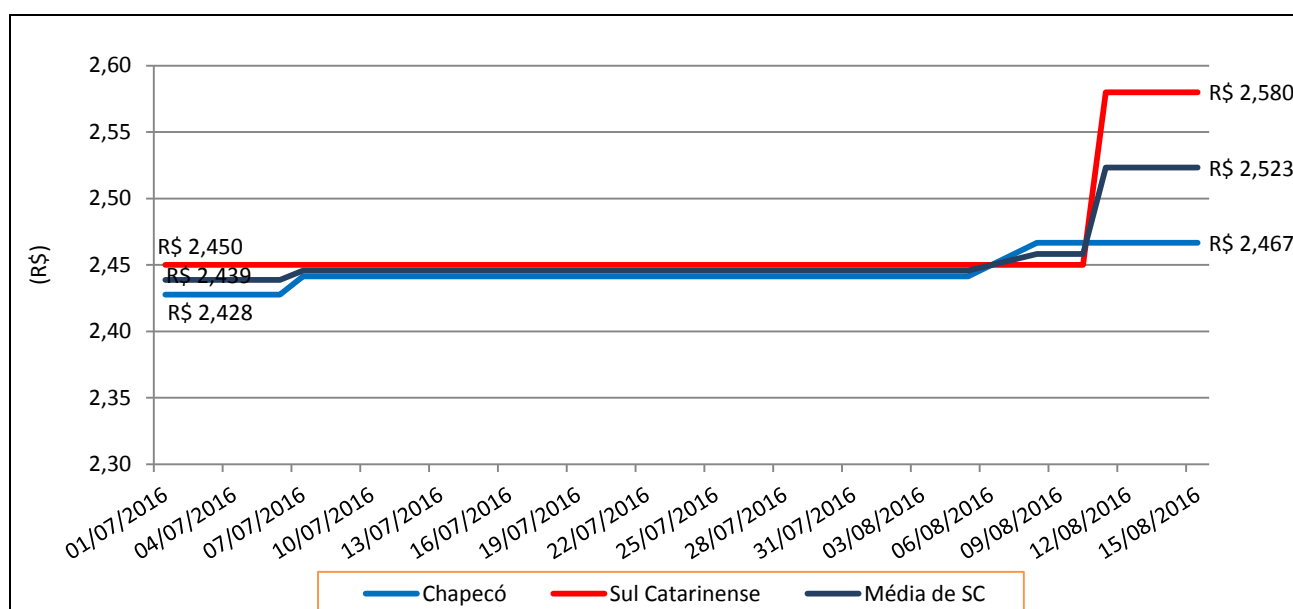
Até a última semana de julho, nossos levantamentos apontavam que mais de 76% dos 60.745 hectares de trigo previstos para esta safra já estão plantados e nos próximos dias o plantio no Estado estará se encerrando. As microrregiões que estão mais atrasadas no plantio são Xanxerê, com cerca de 46% e Chapecó e Concórdia, ambos com 55% já plantados. Nesse mês de julho as estimativas revelam uma redução em área e produção ainda maior que a primeira estimativa divulgada no mês de junho. Quando comparamos as estimativas atuais com a safra 2015/2016, a redução na área chega a 20% e na produção 19%. Apesar das previsões climáticas favoráveis e da expectativa de frio e chuvas dentro da normalidade para todo Estado, os produtores não se motivaram a aumentar as áreas de plantio. Mais recentemente, com o aumento no preço pago pelo milho em função do desabastecimento do produto, o que ocasionou um aumento da procura de trigo para fabricação de ração animal, alguns produtores replanejaram suas áreas de plantio. Uma prova disso foi que a partir da segunda quinzena de julho faltaram sementes de trigo para plantio em algumas regiões do Estado. Em relação à temperatura, foi um mês marcado pela influência de massas de ar frio de origem polar, com a ocorrência de geadas nas regiões de maior altitude do Estado. As lavouras implantadas desenvolvem-se normalmente.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Após desvalorização de 1,07% no mês de junho, no início de julho o preço do frango vivo na praça de Chapecó apresentou uma pequena reação (+0,56%), mantendo-se estável no restante do mês. Durante esse mesmo período não houve variação no Sul Catarinense. No início de agosto registrou-se nova elevação em Chapecó, atingindo-se o patamar de R\$ 2,467. Com isso, a variação em todo o período analisado (01/julho a 15/agosto) foi de 1,61%. Também no início de agosto, a Região Sul de Santa Catarina registrou uma variação um pouco mais significativa, de 5,31%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

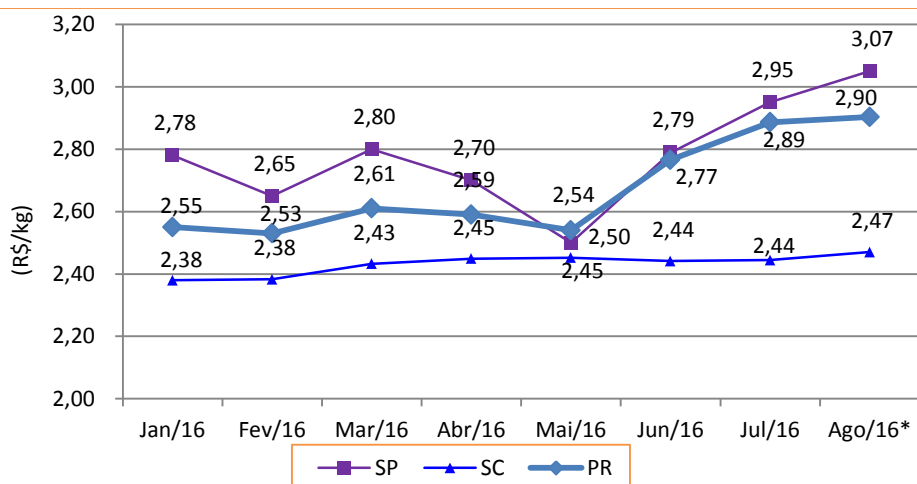
Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 1/jul. a 15/ago./2016

Diferentemente do que se observou nos meses anteriores, na primeira quinzena de agosto os preços pagos pelo frango vivo em Santa Catarina seguiram a tendência de aumento dos outros dois estados analisados (São Paulo e Paraná), embora com patamares distintos.

No caso de Santa Catarina, a média preliminar de agosto é 1,06% maior que o valor de julho (é importante destacar que, embora o valor médio estadual praticado em 15 de agosto, data de fechamento desta publicação, fosse de R\$2,52, a média preliminar do mês era de R\$2,47), conforme demonstrado no próximo gráfico. Quando comparado à janeiro, o valor atual é 3,79% superior. Já em relação a agosto de 2015, a alta é de 20,84%.

São Paulo mais uma vez registra variação significativa no valor preliminar de agosto em relação à média do

mês anterior. Em julho a variação foi de 5,79% e agora é de 4,01%, até o momento. Ressalta-se que na data de conclusão deste texto os preços daquele estado ainda apresentavam viés de alta, podendo-se registrar variações maiores ao longo da segunda quinzena (o valor praticado em 15/ago. era de R\$3,25/kg). A média preliminar de agosto é 10,37% superior àquela registrada em janeiro do corrente ano. Na comparação com agosto de 2015, a diferença é de 13,64%.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

*Os dados para o mês de agosto são parciais, referentes ao período de 1 a 15/ago./16.

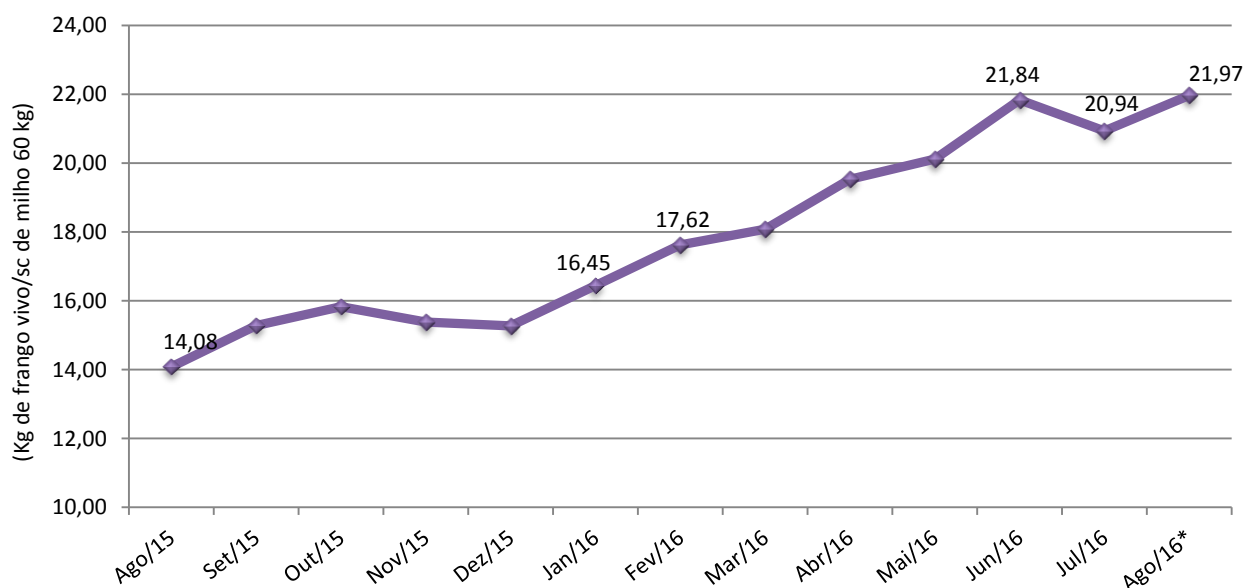
Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – Jan. a Ago./16

No Paraná, embora se observe elevação no preço do frango vivo em agosto, ela é bem menor do que a registrada nos meses anteriores. Enquanto em julho o aumento foi de 4,37%, o preço médio preliminar de agosto sofreu variação de apenas 0,58% até o momento. Em relação a janeiro, o valor atual é 13,84% superior. Na comparação com agosto do ano passado, a variação é 23,01%.

Após uma breve queda na relação de troca

insumo/produto no mês de julho, em agosto esse indicador voltou a crescer, atingindo o maior patamar dos últimos 12 meses.



*Os dados do mês de agosto são parciais, relativos ao período de 1 a 15/ago./16.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2015/16

Levando em consideração os preços médios do frango vivo (média estadual) e do milho no atacado (praça de Chapecó) registrados durante a primeira quinzena de agosto, a relação de troca alcançou o índice de 21,97kg de frango vivo/saco de milho (60kg), o que representa um aumento de 4,91% em relação a julho. Ressalta-se que os preços de ambos os produtos são preliminares, podendo ocorrer alterações no decorrer da segunda quinzena. Na comparação com agosto de 2015, o índice atual é 56,05% superior.

O fator que mais contribuiu para essa variação foi novamente o preço do milho, não obstante a valorização do frango vivo que minimizou um pouco esse efeito. Após uma breve queda iniciada no final de junho, na segunda quinzena de julho o preço do milho voltou a subir, atingindo cotações semelhantes às máximas que haviam sido registradas no início de junho. Por ocasião da finalização deste texto, na praça de Chapecó registrava-se um aumento de 6,02% no preço da saca de milho em relação ao mês anterior.

A baixa observada em junho e julho deveu-se à colheita da 2ª safra na região Centro-Oeste e à redução no ritmo das exportações do grão, o que aumentou a disponibilidade do produto no mercado. Contudo, com o avanço da colheita e a confirmação das expectativas de quebra na safra houve nova pressão de aumento, reforçada pela possibilidade de eventos climáticos que poderiam afetar a safra dos Estados Unidos.

O relatório de acompanhamento da Conab referente ao mês de agosto aponta nova redução na estimativa de produção da safra brasileira 2015/16. Conforme os dados da Conab, a produção nacional de milho na safra 2015/16 (1ª e 2ª safra) deve ser de 68,5 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 19,1% em comparação à safra passada. Em relação à previsão anterior, publicada em julho, a queda foi de 0,6%. O clima foi o grande responsável pelo baixo desempenho da lavoura em todo o País, causando forte impacto na produção. Comparada à safra passada, a produtividade média do milho safrinha (2ª safra) deste ano foi 29,2% menor. No Centro-Oeste, principal região produtora do País, a variação foi de -33,7%. A 1ª safra apresentou uma produção de 26,2 milhões de toneladas (queda de 3,9 milhões em relação à 1ª safra anterior), enquanto a 2ª safra, de acordo com a nova previsão, deve atingir 42,6 milhões de toneladas (queda de 12 milhões de toneladas em relação à safrinha anterior). No caso da soja, a produção nacional atingiu 95,4 milhões de toneladas (0,8% menor que a safra anterior).

Diferentemente do Brasil, no cenário internacional as perspectivas para a produção de milho são mais otimistas. Segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA na sigla em inglês), os Estados Unidos devem ter uma produção recorde nesta safra, atingindo 369,3 milhões de toneladas. Até o início de julho, uma possível falta de chuvas no meio-oeste estadunidense, no momento em que as lavouras estariam em fase de polinização, ameaçava a produção. Contudo, ao invés disso, as condições climáticas do período foram bastante favoráveis à produção de milho, o que aponta para a manutenção ou aumento da previsão inicial. Além disso, na Argentina, outro país importante no mercado mundial de milho, a expectativa é de aumento na produção da próxima safra em função da ampliação da área plantada.

Com isso, os preços do grão sofreram pressão de baixa no mercado internacional. No Brasil, embora a elevada demanda faça com que essa pressão não seja sentida de maneira tão intensa, já há alguns movimentos de baixa. Exemplo disso é que, após atingir os valores máximos no final de julho, o milho já registrava novamente um leve movimento de queda na praça de Chapecó no final da primeira quinzena de agosto. De qualquer forma, há que se ressaltar que os preços continuam bastante acima dos praticados há um ano. Em relação a agosto de 2015, o preço atual apresenta uma alta de 88,58% na praça de Chapecó.

Nos últimos dias o Mapa anunciou que autorizaria a importação de milho dos Estados Unidos para atender especificamente a alimentação animal. Conforme foi divulgado, o montante a ser importado poderia chegar a 1 milhão de toneladas. Ainda segundo o Ministério, também haveria disponibilidade de produto para ser importado do Paraguai e da Argentina.

Uma ação concreta adotada no início de agosto foi a venda direta de 50 mil toneladas de milho dos estoques da Conab, destinadas a criadores de aves e suínos que utilizam o produto na ração animal. Há

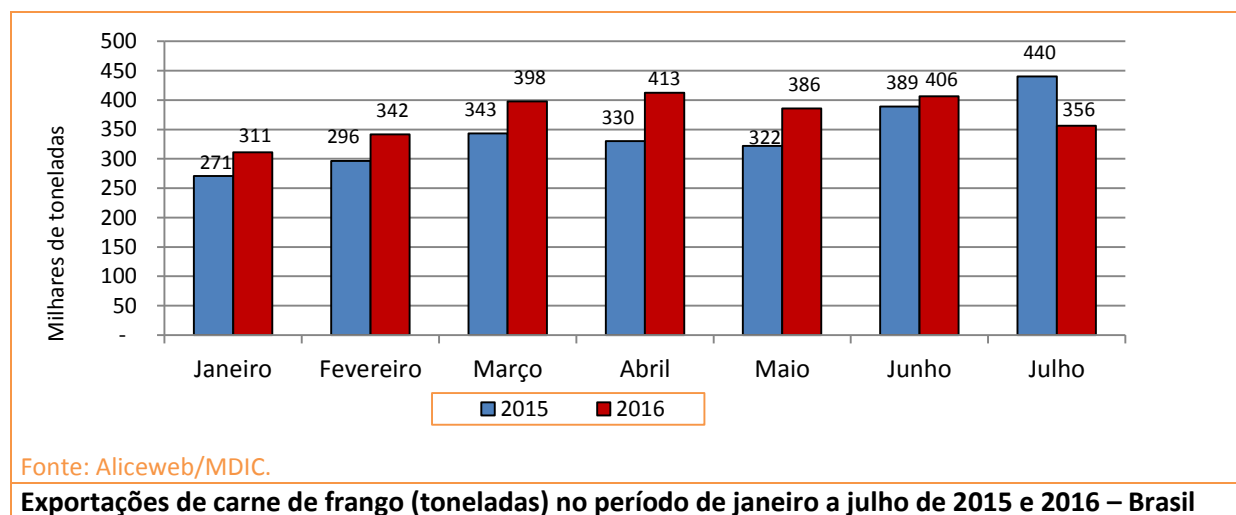
expectativa de que outros leilões sejam realizados nas próximas semanas, de acordo com a deliberação do Conselho Interministerial de Estoques Públicos (Ciep), podendo o montante chegar a 500 mil toneladas.

Conforme divulgado pela Central de Inteligência de Aves e Suínos da Embrapa, de janeiro a junho o custo de produção do frango acumula alta de 19,54%. Em junho, o ICPFrango, índice de custo de produção de frangos, subiu 2,98% em relação ao mês anterior, atingindo 242,32 pontos. Nos últimos 12 meses, o índice já acumula alta de 34,41%. O principal fator responsável por essa alta é o aumento nos preços dos insumos, em especial milho e soja.

A elevação dos custos, somada ao consumo desacelerado de carnes no mercado interno, está ocasionando dificuldades severas no setor, culminando inclusive com o fechamento de alguns abatedouros nos últimos meses. No final de julho a BRF anunciou a suspensão de atividades em sua unidade de Várzea Grande e a concessão de férias coletivas aos funcionários da linha de corte de aves da unidade de Nova Mutum, ambas em Mato Grosso, com o objetivo de adequar o volume de produção à demanda do mercado.

Por outro lado, a médio e longo prazo as expectativas ainda se mantêm positivas para o setor. Segundo o estudo “*Brasil – Projeções do Agronegócio 2015/16 a 2025/26*”, elaborado por técnicos do Mapa e da Embrapa, a alta acumulada na produção de carne de frango até 2025/26 deverá ser de 34,6%.

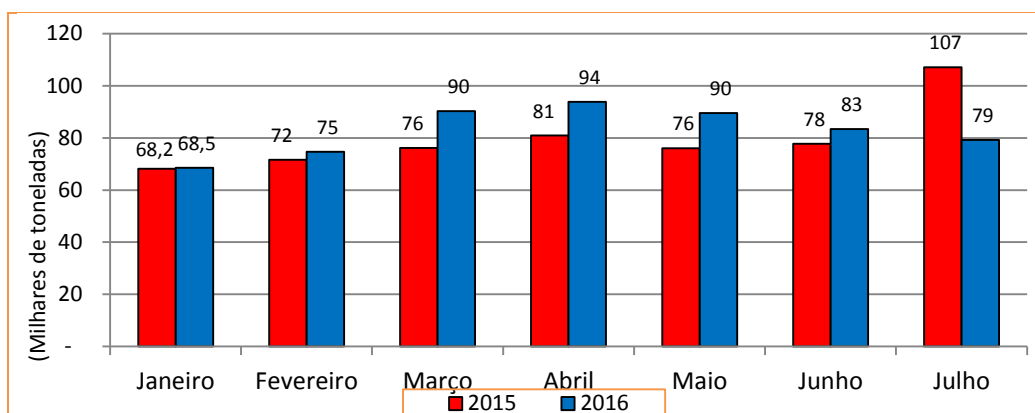
Diferente do que vinha acontecendo ao longo dos seis primeiros meses deste ano, em julho as exportações brasileiras de carne de frango tiveram um recuo de 12,32% em relação ao mês anterior. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado foram exportadas 356,2 mil toneladas de carne de frango. Na comparação com julho de 2015, esse volume representa uma queda de 19,13% nas exportações. Apesar dessa variação, no acumulado dos sete primeiros meses de 2016 a diferença é de 9,15% em relação ao mesmo período do ano passado, em termos de volume. Já quando se analisam as receitas, o ingresso de recursos decorrentes da exportação de carne de frango foi 4,89% menor que nos sete meses iniciais de 2015.



Santa Catarina, por sua vez, registrou uma queda de 5% nas exportações de julho em relação a junho. No mês passado foram exportadas 79,2 mil toneladas de carne de frango, no valor de US\$147,9 milhões. Há que se registrar que, apesar da redução no volume, em termos de recursos houve um aumento de 4,5%, o que indica uma ampliação no valor agregado aos produtos exportados.

Contudo, na comparação com julho de 2015, os números são bem menos favoráveis. Naquele mês foram exportadas 107 mil toneladas (maior volume de 2015), gerando US\$ 190,2 milhões. Os números deste ano são 26,07% e 22,24% menores em termos de volume e de valor, respectivamente.

No acumulado dos sete primeiros meses, Santa Catarina exportou 579,5 mil toneladas de carne de frango, o que representa um acréscimo de 3,86% em relação ao mesmo período do ano passado.



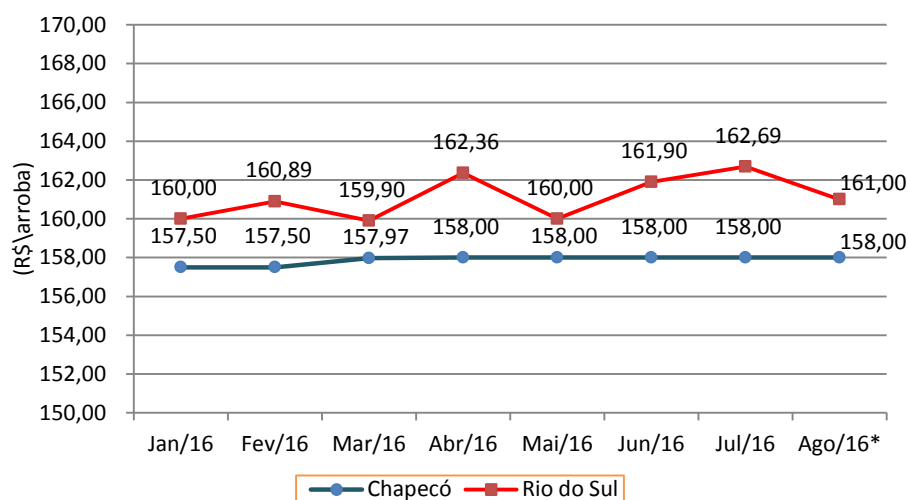
Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne de frango (toneladas) no período de janeiro a julho de 2015 e 2016 –Santa Catarina

A queda nas exportações é resultado principalmente da alta nos custos de produção, que provoca a elevação dos preços internacionais do produto, influenciando consequentemente a competitividade. Outro fator que inibiu as exportações foi a desvalorização da moeda americana, que chegou a atingir cotações de até R\$3,13/dólar nas últimas semanas.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br



(1) Para pagamento em 20 dias.

(*) Os dados do mês de agosto são parciais, relativos ao período de 1 a 15/ago./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016

Mais uma vez o mercado catarinense do boi gordo apresentou poucas variações nos últimos 30 dias, tendência que vem se repetindo há alguns meses, especialmente a partir de maio deste ano.

O preço médio preliminar de agosto (referente ao período de 1º a 15/ago./2016) na região de Chapecó manteve-se em R\$158,00/arroba, valor praticado desde abril, e a variação registrada de janeiro a agosto é de apenas 0,32%.

Já em Rio do Sul, o preço

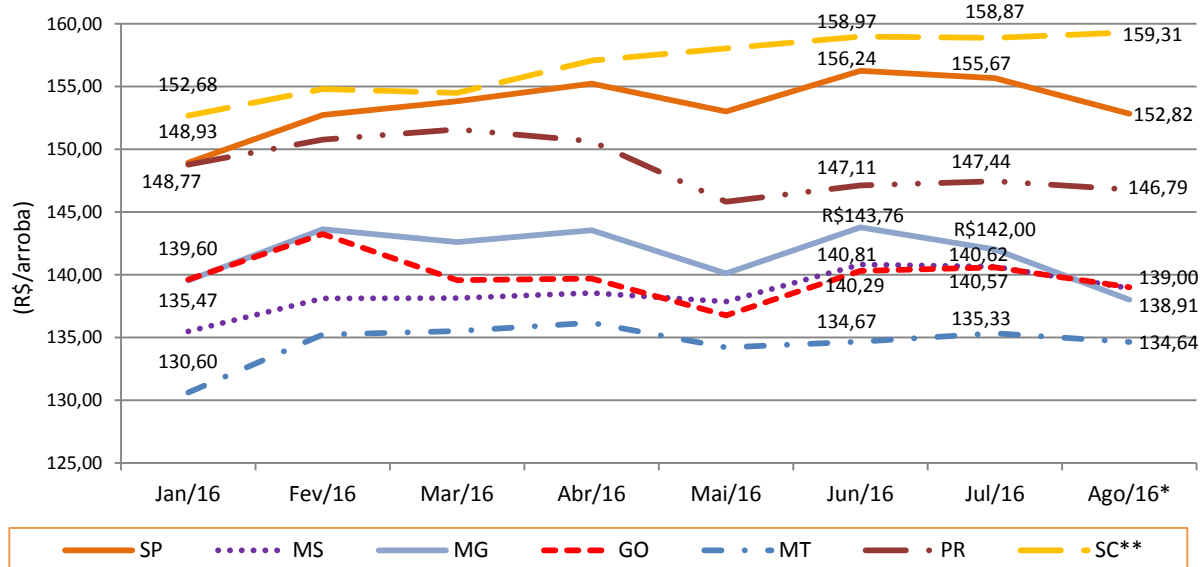
médio sofreu uma redução de 1,05% em relação a julho, interrompendo o movimento de crescimento observado nos dois meses anteriores.

Na comparação entre os preços médios de agosto deste ano (preliminares) com os valores praticados em agosto de 2015, registram-se variações positivas de 5,33% em Chapecó e 3,89% em Rio do Sul. Nesse mesmo período o preço médio estadual de Santa Catarina variou 6,03%.

Em âmbito nacional, por ocasião da elaboração do Boletim Agropecuário nº 38 (meados de julho), observava-se uma situação de estabilidade. Dos sete estados analisados, em cinco registravam-se variações positivas e em dois negativas, com média geral de 0,12% até aquele momento. Contudo, na segunda quinzena o cenário se alterou, finalizando-se o mês de julho com uma variação média de -0,13% em relação a junho, com quedas de preços em quatro dos sete estados. Na primeira quinzena de agosto esse movimento se acentuou, registrando-se até o momento uma variação de -1,08% na comparação com a média de julho. Dos sete estados, somente Santa Catarina apresenta uma pequena elevação nos preços preliminares.

A maior variação até o momento ocorreu em Minas Gerais, com queda de 2,82% no preço da arroba do boi gordo. Vale registrar que Minas Gerais já havia finalizado o mês de julho com uma queda de 1,23% em relação a junho. Na sequência encontram-se os estados de São Paulo (-1,83%), Mato Grosso do Sul (-1,22%), Goiás (-1,12%), Mato Grosso (-0,52%) e Paraná (-0,44%). Esses três últimos tiveram variação positiva no mês anterior. Até o momento, Santa Catarina é o único estado em que se observa variação positiva na média estadual preliminar de agosto, com elevação de 0,28%. No mês anterior o estado havia registrado uma pequena oscilação negativa (-0,06%).

Os valores de agosto encontram-se 1,39% acima daqueles praticados em janeiro do corrente ano (média dos sete estados). Santa Catarina apresenta a maior variação no período (4,34%), seguido por Mato Grosso (3,09%), São Paulo (2,61%) e Mato Grosso do Sul (2,54%). No momento três estados apresentam variações negativas na comparação entre agosto e janeiro: Paraná (-1,34%), Minas Gerais (-1,10%) e Goiás (-0,43%).



* Os dados do mês de agosto são parciais, relativos ao período de 1 a 15/ago./2016.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; DERAL/SEAB⁽³⁾ (2016).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾ e PR⁽³⁾ – 2016

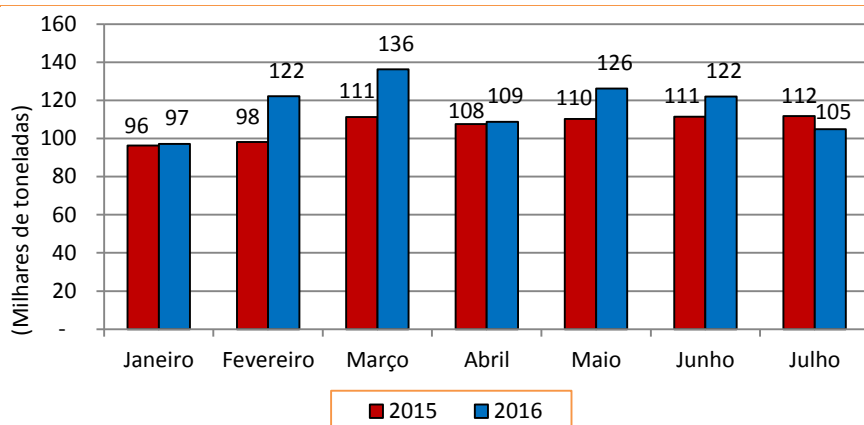
Um dos principais fatores responsáveis pela queda dos preços do boi gordo na maioria dos estados é o consumo doméstico, que segue enfraquecido em função da situação econômica do país. Diante desse cenário, os frigoríficos têm tido dificuldade para colocar seus estoques no mercado. A queda no volume exportado no mês de julho aumentou a disponibilidade de carne no mercado interno, pressionando ainda mais os preços do boi gordo. A baixa disponibilidade de bois prontos para o abate, em decorrência da entressafra, evitou quedas ainda maiores nos preços.

No mercado atacadista também têm sido observadas baixas de preço nas últimas semanas. Conforme dados do Cepea, no atacado da Grande São Paulo as cotações recuaram em julho, com queda de 2,7% no valor da carcaça bovina. O movimento de baixa se manteve nas duas primeiras semanas de agosto.

Em Santa Catarina as variações são um pouco menores. Conforme dados da Epagri/Cepa, o preço dos cortes dianteiros no mercado atacadista da região de Chapecó apresenta alta de 0,11% na primeira quinzena de agosto (preço preliminar) em relação ao mês anterior. No mesmo período, os cortes traseiros registraram queda de 1,10% naquela região.

Na segunda quinzena de julho, a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) divulgou nota à imprensa na qual afirma que o “o cenário de uma nova crise sem precedentes volta a impactar o setor frigorífico brasileiro, que produz carne bovina depois de um ano considerado bom em 2015 e um início de recuperação que não chegou a consumir-se”. Tal situação seria decorrente da conjunção de três fatores (queda no consumo interno, dificuldades para o crescimento das exportações e valorização do real frente ao dólar) e pode resultar no fechamento de unidades de abate, alerta a entidade.

Quanto às exportações de carne bovina, assim como já havia acontecido em junho, julho registrou queda em relação ao mês anterior. A variação foi de -14,10% em termos de volume e de -13,43% em valor, de acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Na comparação com julho de 2015 também se observam quedas de 6,17% no volume e 17,98% no valor.



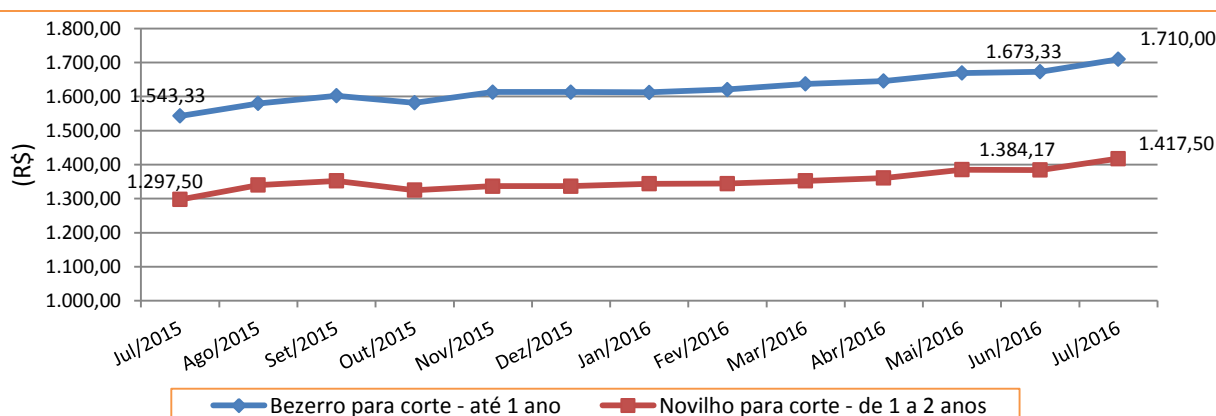
Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne bovina (t) - jan. a jul./2015 e 2016 – Brasil

valorização do real frente ao dólar. O principal destino da carne bovina brasileira segue sendo Hong Kong, que importou 202,5 mil toneladas no período.

Ainda em relação às exportações, merece destaque a celebração de acordo para a abertura do mercado dos Estados Unidos à carne bovina *in natura* brasileira, que vinha sendo negociado há 17 anos. Conforme o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o acordo assinado no final de julho prevê que o Brasil compartilhará a cota de importação estadunidense de carne bovina destinada aos países sem cota fixa, que atualmente é de 64,8 mil toneladas anuais. Embora inicialmente o ministro Blairo Maggi tenha divulgado que o País teria uma cota de 64,8 mil toneladas anuais, há que se ressaltar que esse valor não é exclusivamente do Brasil, sendo compartilhado com diversos outros países. A tarifa de exportação será de 4% ou 10%, a depender do tipo de corte.

Em relação aos preços do bezerro e do novilho de corte, o gráfico a seguir apresenta os dados referentes ao preço médio estadual dessas duas categorias de animais no período de julho/2015 a julho/2016.



Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual

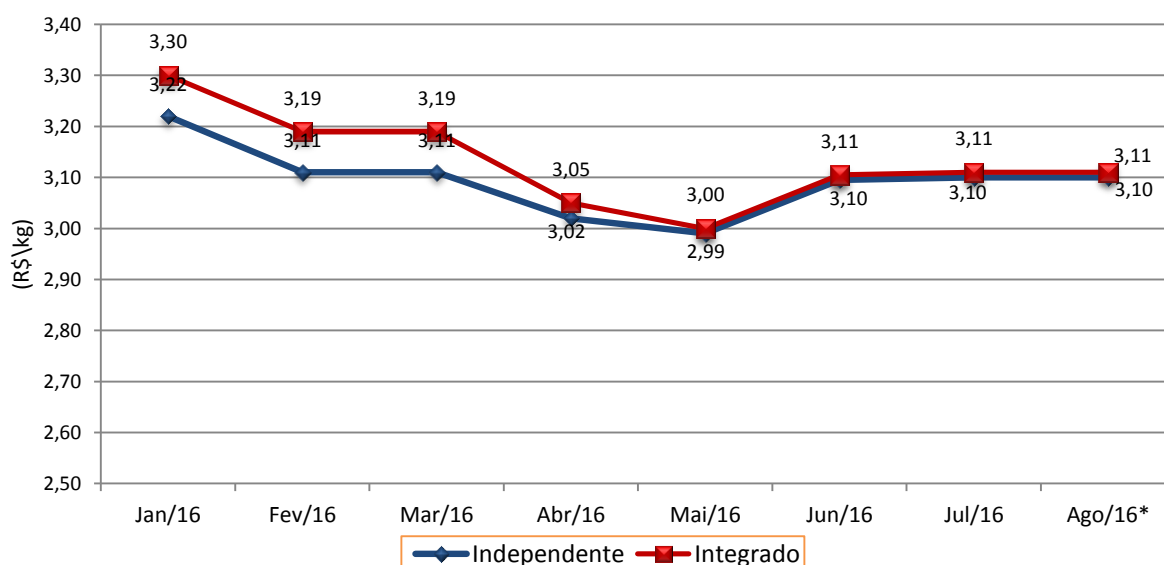
Conforme já havia sido apontado no boletim anterior, no período analisado percebe-se a predominância da tendência de alta nos preços das duas categorias, com poucas interrupções. Na comparação entre julho/2015 e julho/2016, verifica-se um aumento de 9,25% no preço do bezerro e de 10,80% do novilho. No mesmo período, o preço médio estadual da arroba de boi gordo variou apenas 5,84%.

Em relação a junho deste ano, os preços médios praticados em julho apresentaram elevação de 2,41% e 2,19% para o bezerro e o novilho respectivamente, valores que estão significativamente acima da variação da arroba de boi gordo.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Pelo segundo mês consecutivo o preço do suíno vivo se mantém estável em Santa Catarina. Na comparação com julho, os preços preliminares de agosto não sofreram qualquer tipo de variação na praça de Chapecó para os dois tipos de produtores (independente e integrado). Já em relação ao mesmo mês de 2015, os preços médios atuais apresentam defasagem de 2,21% para o produtor independente. No caso do integrado, o valor atual é exatamente o mesmo recebido em agosto do ano passado.



* Os dados do mês de agosto são parciais, relativos ao período de 1 a 15/ago./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal (R\$/kg) para produtor independente e integrado, na praça de Chapecó/SC – 2016

No quadro a seguir apresentam-se os preços médios recebidos pelos suinocultores nos principais estados produtores, de janeiro a agosto deste ano. Como é possível verificar, com exceção de Santa Catarina, todos os demais estados apresentaram variações positivas bastante significativas no período.

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores – 2016

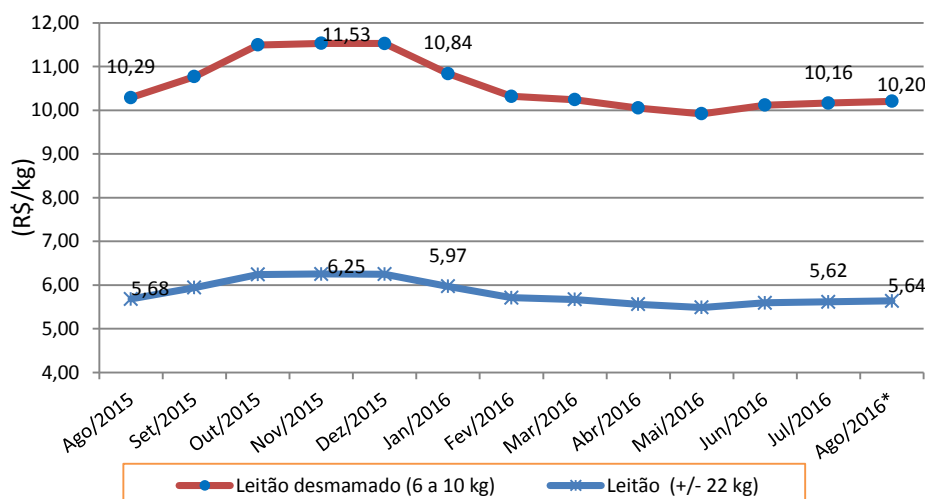
Estado									(R\$/kg)	
	Jan./2016	Fev./2016	Mar./2016	Abr./2016	Mai./2016	Jun./2016	Jul./2016	Ago./2016 ⁽¹⁾	Variação jul./ago. (%)	Variação jan./ago. (%)
Minas Gerais	4,17	3,55	3,47	3,36	3,37	4,39	3,97	4,29	7,98%	2,88%
Paraná	3,33	2,94	2,94	2,75	2,82	3,58	3,22	3,53	9,82%	6,03%
Rio Grande do Sul	3,27	2,92	2,96	2,81	2,83	3,26	3,05	3,26	6,92%	-0,31%
Santa Catarina ⁽²⁾	3,26	3,15	3,15	3,04	3,00	3,10	3,11	3,11	0,00%	-4,75%
São Paulo	3,86	3,18	3,37	3,10	3,25	4,03	3,49	4,06	16,42%	5,20%

⁽¹⁾ Os dados do mês de agosto são parciais, relativos ao período de 1 a 15/ago./2016.

⁽²⁾ No caso de SC, utilizou-se como referência a praça de Chapecó. Os valores representam a média entre produtores integrados e independentes. Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP); Epagri/Cepa (SC).

Comparando-se os dados preliminares de agosto com os valores de julho, a variação média nos cinco estados é de 8,23%. A análise dos preços diários demonstra que na maioria dos estados o movimento de alta teve início em meados de julho, mantendo-se até a data de finalização deste texto (15/ago.).

A maior alta até o momento é observada em São Paulo, seguido por Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, mantendo-se a ordem já registrada no boletim anterior, mas dessa vez com variações positivas (na primeira quinzena de julho todos esses estados apresentavam variações negativas). Esse novo movimento de alta faz com que média preliminar de agosto dos cinco estados encontre-se 1,81% acima do valor obtido em janeiro deste ano. Somente os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina ainda apresentam defasagens em relação aos preços de janeiro.



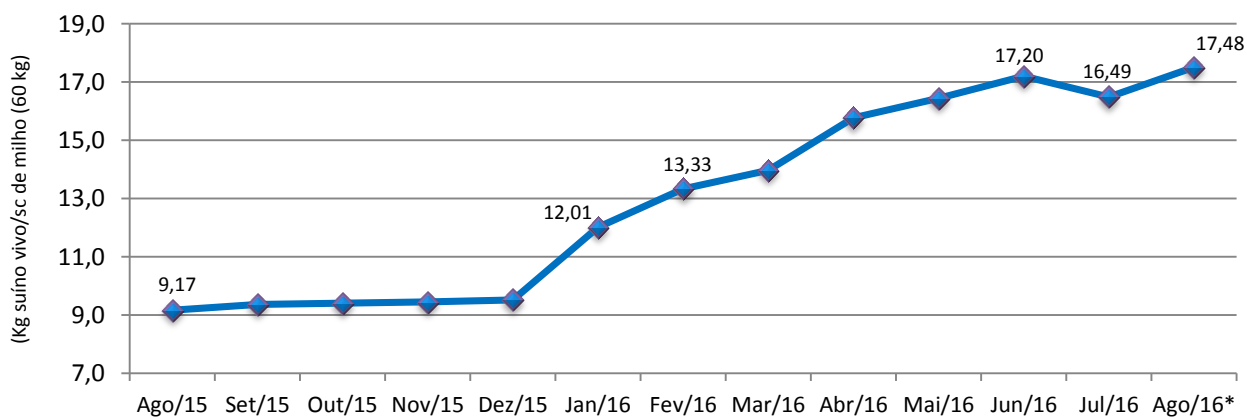
*Os dados do mês de agosto são parciais, relativos ao período de 1 a 15/ago./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leiteiro por categoria em Santa Catarina – 2015/16

defasagens de 5,87% para os leiteiros de 6-10kg e 5,54% para os leiteiros de +/-22kg. Quando se toma como referência os preços praticados em agosto de 2015, a defasagem cai para 0,84% e 0,75%, respectivamente.

A relação de troca insumo/produto, que havia apresentado queda pela primeira vez no ano em julho, voltou a subir neste mês.



*Os dados do mês de agosto são parciais, relativos ao período de 1 a 15/ago./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó/SC – 2015/16

Utilizando como referência a praça de Chapecó para ambos os produtos, a relação de troca atingiu 17,48kg de suíno vivo/saco de milho (60kg), maior valor dos últimos anos. Ressalta-se que os preços de agosto são preliminares e podem sofrer alterações ao longo da segunda quinzena. Em relação a janeiro deste ano, o valor atual é 45,55% superior, enquanto na comparação com o mesmo mês de 2015 a diferença sobe para 90,70%.

Mais uma vez, o fator responsável por essa variação foi o preço do milho. Após uma breve queda iniciada no final de junho, na segunda quinzena de julho o preço voltou a subir, atingindo cotações semelhantes às registradas no início de junho. Na data de finalização deste texto, na praça de Chapecó registrava-se um aumento de 6,02% no preço da saca de 60kg, em comparação ao mês anterior.

A queda observada nos meses de junho e julho foi motivada pela colheita da 2ª safra na Região Centro-Oeste e pela redução no ritmo das exportações do grão, o que aumentou a disponibilidade do produto no mercado. Contudo, com o avanço da colheita e a confirmação das expectativas de quebra na safra, houve nova pressão de aumento, reforçada pela possibilidade de eventos climáticos que poderiam afetar a safra dos Estados Unidos.

O relatório de acompanhamento da Conab referente ao mês de agosto aponta nova redução na estimativa de produção da safra brasileira 2015/16. Conforme os dados da Conab, a produção nacional de milho (1ª e 2ª safras) deve ser de 68,5 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 19,1% em comparação à safra anterior. Em relação à previsão antecedente, publicada em julho, a queda foi de 0,6%. O clima foi o grande responsável pelo baixo desempenho da lavoura em todo o País, causando forte impacto na produção. Comparada à safra passada, a produtividade média do milho safrinha (2ª safra) deste ano foi 29,2% menor. No Centro-Oeste, principal região produtora do País, a variação foi de -33,7%. A 1ª safra apresentou uma produção de 26,2 milhões de toneladas (queda de 3,9 milhões em relação à 1ª safra de 2014/15), enquanto a 2ª safra, de acordo com a nova previsão, deve atingir 42,6 milhões de toneladas (queda de 12 milhões de toneladas em relação à safrinha anterior). No caso da soja, a produção nacional atingiu 95,4 milhões de toneladas (0,8% menor que a safra anterior).

Diferentemente do Brasil, no cenário internacional as perspectivas para a produção de milho são mais otimistas. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês), os Estados Unidos devem atingir uma produção recorde nesta safra, com 369,3 milhões de toneladas. Até o início de julho, uma possível falta de chuvas no meio-oeste estadunidense, no momento em que as lavouras estariam em fase de polinização, ameaçava a produção. Contudo, ao invés disso, as condições climáticas do período foram bastante favoráveis à cultura, o que aponta para a manutenção ou aumento da previsão inicial. Além disso, na Argentina, outro país importante no mercado mundial de milho, a expectativa é de aumento na produção da próxima safra em função da ampliação da área plantada.

Com isso, os preços do grão sofreram pressão de baixa no mercado internacional. No Brasil, embora a demanda elevada faça com que essa pressão não seja sentida de maneira tão intensa, já há alguns movimentos de baixa. Exemplo disso é que, após atingir os valores máximos no final de julho, o milho já registrava novamente uma leve queda na praça de Chapecó, SC, no final da primeira quinzena de agosto. De qualquer forma, há que se ressaltar que os preços continuam bastante acima dos praticados há um ano. Em relação a agosto de 2015, o preço atual apresenta uma alta de 88,58% em Chapecó.

No início de agosto o Mapa anunciou que autorizaria a importação de milho dos Estados Unidos destinado especificamente à alimentação animal. Conforme divulgado, o montante a ser importado poderia chegar a 1 milhão de toneladas. Ainda segundo o Ministério, também haveria disponibilidade de produto que poderá ser importado do Paraguai e da Argentina, caso necessário.

Uma ação concreta adotada no início de agosto foi a venda direta de 50 mil toneladas de milho dos estoques da Conab, destinadas a criadores de aves e suínos que utilizam o produto na ração animal. Há expectativa de que outros leilões sejam realizados nas próximas semanas, de acordo com a deliberação do Conselho Interministerial de Estoques Públicos (Ciep), podendo o montante chegar a 500 mil toneladas.

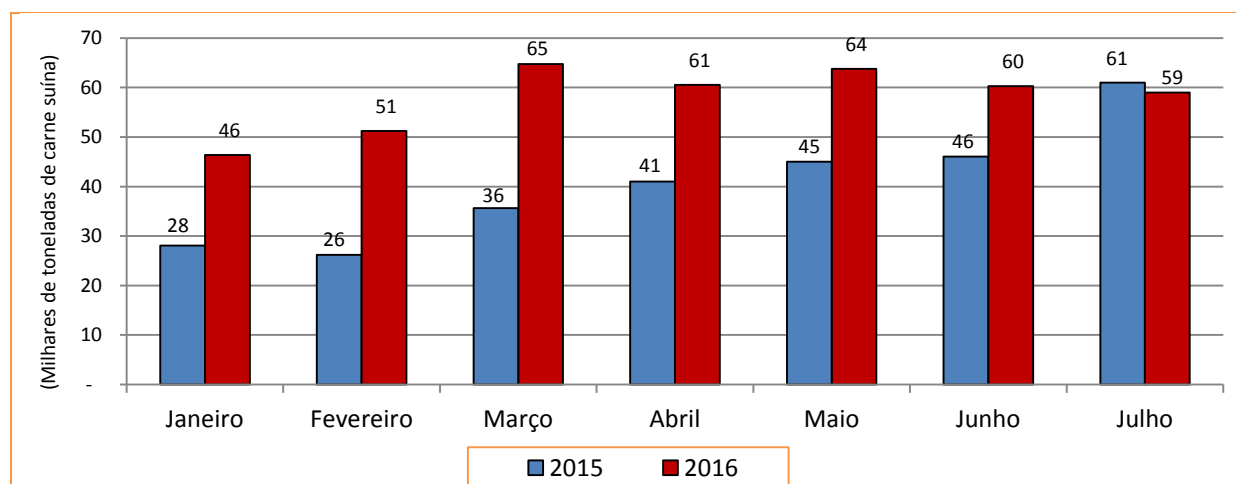
Conforme divulgado pela Central de Inteligência de Aves e Suínos da Embrapa, de janeiro a junho o custo de produção do suíno acumula alta de 22,65%. Em junho, o ICPSuíno, índice de custo de produção de suínos, subiu 7,38% em relação a maio, atingindo 253,74 pontos. Em 12 meses, o índice já acumula alta de 38,82%, principalmente em função do aumento nos preços do milho e da soja.

No mercado atacadista, apesar da queda no consumo de proteínas de origem animal, o preço da carcaça suína na região de Chapecó vem apresentando alta de 1,72% na primeira quinzena de agosto, de acordo com dados da Epagri/Cepa. Em julho também se registrou alta de 1,44% naquela região.

Apesar das dificuldades enfrentadas atualmente pelo setor, no médio e longo prazos ainda se mantêm expectativas positivas. Segundo o estudo “*Brasil – Projeções do Agronegócio 2015/16 a 2025/26*”, elaborado por técnicos do Mapa e da Embrapa, as carnes deverão manter a tendência de crescimento da produção observada nos últimos anos. No caso da carne suína, a variação no período 2016 a 2026 deverá ser de 31,3%.

Quanto às exportações, o mês de julho registrou novamente uma queda no volume embarcado em relação ao mês anterior (-2,19%), fato que já havia ocorrido em outros momentos ao longo de 2016, conforme demonstrado no gráfico apresentado na sequência. Contudo, o que chama a atenção é que pela primeira vez no ano a quantidade exportada é menor que no mesmo mês de 2015 (-3,36%).

Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), as exportações de carne suína atingiram 59,0 mil toneladas no mês de julho. Nos primeiros sete meses de 2016 o país exportou 406 mil toneladas, o que representa uma aumento de 43,44% em relação ao mesmo período de 2015. Os valores de 2016 já somam US\$717,6 milhões, um acréscimo de 6,54% em relação a 2015.

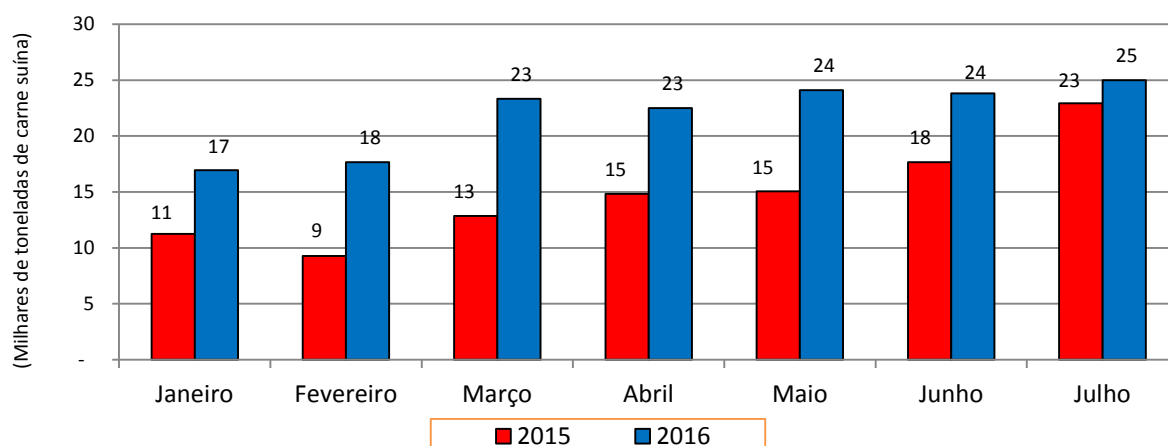


Fonte: Aliceweb/MDIC (2016).

Exportações de carne suína nos primeiros 7 meses de 2015 e 2016 – Brasil

Diferentemente dos resultados do País, em julho as exportações de carne suína catarinense mantiveram o movimento de alta e foram 5,02% superiores ao mês anterior, atingindo o maior montante do ano, com 25 mil toneladas. Em relação ao mesmo mês de 2015, a diferença é ainda mais significativa, com um acréscimo de 9,03%.

Nos primeiros sete meses do ano, Santa Catarina exportou 153,4 mil toneladas de carne suína, gerando US\$283,3 milhões em divisas, o que corresponde a variações de 47,71% e 11,66% em relação ao mesmo período de 2015, respectivamente.



Fonte: Aliceweb/MDIC (2016).

Exportações de carne suína nos primeiros 7 meses de 2015 e 2016 – Santa Catarina

Do volume total já exportado pelo Brasil neste ano, cerca de um terço (33,49%) destinou-se à Rússia, que continua sendo o principal parceiro comercial do País (embora com uma participação menor que em anos anteriores, quando já chegou a responder por mais de 50% das compras de carne suína brasileira). A segunda posição é ocupada por Hong Kong (24,18%), seguido pela China (13,44%).

Por fim, chama-se a atenção para o fato de que no final de julho, por meio da Instrução Normativa nº 25/2016, o Mapa ampliou a abrangência da área livre de peste suína clássica (PSC). Com isso, a zona livre de PSC agora é formada pelo Acre, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe, Tocantins e alguns municípios do Amazonas. Rio Grande do Sul e Santa Catarina tinham o reconhecimento internacional como livres de PSC desde 2015. Em maio deste ano, a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) ampliou a zona brasileira livre de PSC, possibilitando o restabelecimento do trânsito de suínos, seus produtos e subprodutos aos dois estados, quando provenientes de outras unidades da Federação reconhecidas como livres da doença.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

Em parte do ano de 2015 prevaleceu certa dúvida acerca da relação entre a oferta e demanda de leite no Brasil. Pela lado da demanda, embora já estivesse evidente que fatores como, por exemplo, o aumento da taxa de desemprego e a queda do rendimento real dos trabalhadores pudesse estar implicando em redução de consumo, havia dúvida a redução era significativa. Pelo lado da oferta havia indicações até de crescimento, como era o caso dos dados do Cepea, cujo índice de captação dos meses do ano se mostrou sempre bem superior ao do mesmo mês de 2014, exceto o do mês de dezembro.

Nesse ano de 2016 a situação mudou sensivelmente, com o quadro ficando bem mais nítido.

Pela lado da demanda, embora não se disponha de números, alguns indicativos permitem supor que dificilmente os níveis de consumo estejam nos mesmos patamares de 2015. Como exemplos, podem ser citados casos de emprego e renda analisados no “Boletim Emprego em Pauta”, deste mês de agosto, do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE):

1ª) “... Segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), do IBGE, de janeiro a junho de 2016, o número de desocupados no país teve acréscimo de 2,5 milhões de pessoas. A estimativa é que o número de pessoas sem ocupação no Brasil ... no segundo trimestre... corresponde a 3,2 milhões de pessoas a mais do que no mesmo período de 2015”;

2ª) “Outro dado da PNADC mostra queda do rendimento real médio habitualmente recebido pelo trabalhador brasileiro de -1,5% no segundo trimestre e de -1,3% no acumulado do ano”;

3ª) “A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)... também indica crescimento contínuo do desemprego em 2016... e confirma redução do rendimento médio real dos ocupados em todas as regiões metropolitanas pesquisadas, entre maio de 2015 e maio de 2016”.

Ainda pelo lado da demanda, e tratando de um aspecto relacionado diretamente à cadeia produtiva, é razoável considerar que a importante elevação dos preços dos lácteos nos últimos meses tenha repercutido negativamente sobre os níveis de consumo.

Pelo lado da oferta, ao contrário de 2015, quando o Cepea e o IBGE mostraram movimentos inversos em relação à 2014 (para o Cepea houve crescimento e para o IBGE redução na quantidade de leite recebida pelas indústrias), por qualquer fonte de informação fica evidente que as indústrias brasileiras tem adquirido menos leite dos produtores do que em 2015 (o IBGE só divulgou os dados relativos ao 1º trimestre, que mostram redução de 4,5% na quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas, em relação ao 1º trimestre de 2015).

Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea¹) - Brasil - 2014- 16

Mês	2014	2015	2016	Variação %	
				2015/14	2016/15
Janeiro	169,99	188,34	185,67	10,8	-1,4
Fevereiro	165,31	189,51	177,17	14,6	-6,5
Março	158,95	176,97	164,15	11,3	-7,2
Abril	155,36	171,85	158,59	10,6	-7,7
Mai	155,29	172,59	156,01	11,1	-9,6
Junho	161,97	179,98	158,23	11,1	-12,1
Julho	168,12	182,98		8,8	
Agosto	177,21	191,43		8,0	
Setembro	182,88	197,68		8,1	
Outubro	182,14	195,97		7,6	
Novembro	193,85	196,78		1,5	
Dezembro	195,14	194,29		-0,4	

Fonte: CEPEA (Base 100 = junho/2004).

Assim, era mais ou menos evidente que qualquer movimento de recuperação de oferta repercutiria de maneira rápida e negativa sobre os preços dos lácteos e aos produtores. Os números disponibilizados pelo Cepea ainda não mostraram isso, mas, a considerar o que já ocorreu na aquisição de leite de parte das indústrias catarinenses no mês de julho e as indicações de preços, isso não deve demorar muito.

Segundo os dados levantados pela Epagri/Cepa, no mês de julho a produção recebida por parte das indústrias de regiões que representam mais de 50% da produção estadual foi cerca de 19% superior a do mês de junho, o que é o maior crescimento entre os mesmos meses dos últimos anos.

Leite - Quantidade recebida por parte das indústrias do Oeste Catarinense - 2013-16

Mês/ano	Milhões de litros				Variação (%)		
	2013	2014	2015	2016	2014/13	2015/14	2016/15
Janeiro	117,8	126,1	121,7	113,2	7,0	-3,4	-7,0
Fevereiro	97,8	105,8	97,5	100,0	8,2	-7,8	2,5
Março	102,7	108,7	101,7	103,4	5,9	-6,4	1,7
Abril	94,6	96,7	92,3	93,0	2,2	-4,6	0,7
Mai	98,4	102,3	101,2	96,4	4,0	-1,1	-4,7
Junho	102,4	106,1	109,4	101,8	3,6	3,1	-7,0
Julho	113,7	120,7	117,8	121,3	6,1	-2,4	3,0
Jan./jul.	727,4	766,4	741,7	729,2	5,4	-3,2	-1,7
Agosto	124,0	137,4	129,0		10,8	-6,1	
Setembro	124,9	136,8	129,2		9,5	-5,6	
Outubro	129,5	133,3	126,0		2,9	-5,5	
Novembro	122,8	127,3	118,5		3,7	-7,0	
Dezembro	129,5	129,8	120,1		0,2	-7,4	
Total	1.358,1	1.431,0	1.364,4		5,4	-4,7	

Fonte: Epagri/Cepa.

No que diz respeito às indicações de preços, embora a reunião de agosto do Conseleite/SC praticamente tenha confirmado o preço projetado na reunião anterior (foi projetado R\$1,5520 e ficou em R\$1,5500), o preço projetado para agosto é cerca de 12 centavos abaixo do preço final de julho.

¹ O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados do RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. É elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. O peso mensal de cada estado é definido com base em informações do IBGE, segundo o volume produzido em cada unidade da federação.

Leite padrão - Preço de referência do Conseleite/SC - 2014-16

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Var. %	
	2014	2015	2016	2015/14	2016/15
Janeiro	0,7389	0,7744	0,9546	4,80	23,27
Fevereiro	0,7655	0,7866	1,0154	2,76	29,09
Março	0,8379	0,8614	1,0652	2,80	23,66
Abril	0,8764	0,8843	1,1166	0,90	26,27
Maio	0,9040	0,8875	1,1430	-1,83	28,79
Junho	0,9123	0,9347	1,3363	2,46	42,97
Julho	0,9093	0,9278	1,5500	2,03	67,06
Agosto	0,9097	0,9131	1,4303 ⁽¹⁾	0,37	56,64
Setembro	0,8978	0,8978		0,00	
Outubro	0,8308	0,9024		8,62	
Novembro	0,7958	0,9308		16,96	
Dezembro	0,7877	0,9387		19,17	
Média	0,8472	0,8866		4,66	

⁽¹⁾ Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC

Considerando que esse preço projetado para agosto tomou por base os preços dos derivados praticados no mercado atacadista nos dias iniciais do mês e que depois disso seguiram trajetória de queda, particularmente o preço do leite UHT, não é improvável que o preço final do mês sequer fique nesse patamar.

Preços médios mensais no mercado atacadista de Santa Catarina - 2015 e 2016

Mês/ano	Leite (litro)		Manteiga extra (200 g)	Queijo (Kg)	
	UHT (longa-vida)	Pasteurizado		Muçarela	Prato
Janeiro/15	1,59	1,45	3,15	12,28	12,28
Fevereiro/15	1,66	1,48	3,17	11,92	11,97
Março/15	2,13	1,56	3,17	12,84	12,89
Abril/15	2,13	1,61	3,17	13,08	13,13
Maio/15	2,17	1,61	3,17	13,36	13,45
Junho/15	2,23	1,62	3,13	13,94	14,17
Julho/15	2,22	1,63	2,97	13,89	14,56
Agosto/15	2,14	1,63	2,94	14,51	14,63
Setembro/15	2,01	1,63	2,99	14,43	14,66
Outubro/15	1,95	1,63	3,32	13,40	14,81
Novembro/15	2,01	1,63	3,39	13,35	14,71
Dezembro/15	1,96	1,63	3,40	13,34	14,80
Janeiro/16	2,00	1,64	3,68	15,92	16,38
Fevereiro/16	2,13	1,73	3,80	15,53	15,60
Março/16	2,27	1,74	3,93	16,97	17,35
Abril/16	2,39	1,85	4,46	18,53	18,80
Maio/16	2,61	1,96	4,87	19,00	19,32
Junho/16	3,27	2,39	5,10	20,87	21,20
Julho/16	3,59	2,76	5,18	22,98	23,33
Dia 18/08/2016	2,91	-	5,05	21,70	21,70

Fonte: Epagri/Cepa.